



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E
MEIO AMBIENTE



CÍNTIA CLEUB NEVES BATISTA

**ESTUDO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL EM UMA ÁREA DE PROTEÇÃO
AMBIENTAL NO CARIRI PARAIBANO**

JOÃO PESSOA

2018

CÍNTIA CLEUB NEVES BATISTA

**ESTUDO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL EM UMA ÁREA DE PROTEÇÃO
AMBIENTAL NO CARIRI PARAIBANO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Desenvolvimento e Meio
Ambiente da Universidade Federal da
Paraíba, para obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. GIL DUTRA FURTADO

JOÃO PESSOA

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B333e Batista, Cíntia Cleub Neves.

Estudo da Percepção Ambiental em uma Área de Proteção Ambiental no Cariri Paraibano / Cíntia Cleub Neves Batista. - João Pessoa, 2018.
86f. : il.

Orientação: Gil Dutra Furtado.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCEN.

1. Meio ambiente. Percepção Ambiental. Onça Parda. I. Furtado, Gil Dutra. II. Título.

UFPB/BC

CÍNTIA CLEUB NEVES BATISTA

**ESTUDO DA PERCEÇÃO AMBIENTAL EM UMA ÁREA DE PROTEÇÃO
AMBIENTAL NO CARIRI PARAIBANO**

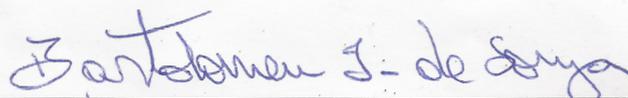
Dissertação apresentada ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA – da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de mestre.

Trabalho Aprovado. João Pessoa, 29 de Março de 2018

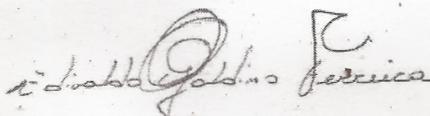
BANCA EXAMINADORA



Professor Dr. Gil Dutra Furtado
Universidade Federal da Paraíba



Professor Dr. Bartolomeu Israel
Universidade Federal da Paraíba



Professor Dr. Edivaldo Galdino Ferreira
Facene – Faculdades de Enfermagem e Medicina Nova Esperança

DEDICATÓRIA

À minha querida avó Vicentina Carvalho batista (*In memoriam*).

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me dado forças para tentar e nunca desistir.

À minha família por acreditar e me apoiar sempre.

À Clístenes Pimentel, por estar ao meu lado desde a criação do projeto inicial até a etapa final, sempre com paciência e palavras de inspiração, amor e conforto.

Ao meu orientador, Professor Pós – Dr. Gil Dutra Furtado, pela sua paciência e por não ter me abandonado mesmo diante de todos os imprevistos e dificuldades encontradas nessa caminhada.

À Rogério Ferreira, por ter surgido com a ideia do projeto, no momento crucial.

À Chico Dantas, por ter tornado a execução do projeto possível.

À Seu Paulo, grande anfitrião de São João de Tigre, sem o qual a pesquisa não teria sido possível.

À Prefeitura de São João do Tigre, pelo apoio logístico durante o desenvolvimento da pesquisa.

Ao Professor Bartolomeu pelos conselhos e sugestões que ajudaram a enriquecer a pesquisa.

À Mayara Beltrão, pelos ensinamentos e palavras de força durante a etapa final de pesquisa.

Aos professores da Zoologia, Fabianna Rocha e Pedro Estrela, pelos ensinamentos.

A todos os meus amigos e amigas que mesmo distante sempre me fortalecem.

À toda turma de 2016 do mestrado PRODEMA, pela união e convivência harmônica durante todo curso.

RESUMO

A questão ambiental tem sido foco de diversos trabalhos nos últimos anos, estudos dessa natureza são de extrema importância para que se possa buscar formas de habitar o planeta impactando o mínimo possível. Com isso, o presente estudo buscou estudar a percepção ambiental dos moradores da Área de Proteção Ambiental das Onças no município de São João do Tigre na Paraíba, através de pesquisas com questionários semiestruturados, objetivando compreender como a população percebe o local em que vive. Além disso, buscou – se sob a ótica da população local, informações a respeito da Onça Parda (*Puma concolor*), sua relação com a população e se ainda está presente na região. Com isso, os resultados obtidos sugerem que apesar de ter sido criada em 2002 a Área de Proteção Ambiental das Onças, ainda não consegue cumprir seu papel, uma vez que grande parte dos residentes internos da APA afirma não ter conhecimento de mudança alguma após sua implantação, e tratando – se a respeito da Onça Parda (*Puma concolor*), foi possível identificar um certo nível de compreensão com relação à ocorrência desta espécie, como também sobre a ilegalidade da caça desta e de outras espécies, contudo, não foi possível elucidar a frequência e número de indivíduos que habitam a área, mostrando a necessidade do desenvolvimento de pesquisas específicas de levantamento de fauna na região.

Palavras-chave: Meio ambiente. Percepção Ambiental. Onça Parda. Caatinga.

ABSTRACT

The environmental issue has been the focus of several works in recent years, studies of nature are of extreme importance to find ways to inhabit the planet impacting as little as possible. Therefore, the present study aimed to study the environmental perception of residents of the Environmental Protection Area of the Ounces in the city of São João do Tigre, in Paraíba, through researches with semi-structured questionnaires, aiming at how a population perceives the place in which they live. In addition, information about the Onça Parda (*Puma concolor*), its relation with a population and still present in the region, was sought from the perspective of the local population. The results obtained suggest that although the Environmental Protection Area of the Ounces was created in 2002, it still can not fulfill its role, since a large part of the internal residents of the APA do not report on its implementation, (*Puma concolor*), it was possible to identify a type of problem, including information about the existence of a species of species, however, it was not possible the frequency and number of subjects that inhabit an area, making necessary the development surveys of fauna in the region.

Key-words: Environment. Environmental Perception. Puma. Caatinga

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa do Município e da Área de Proteção Ambiental das Onças	16
Figura 2: Locais visitados durante a realização das entrevista.....	21
Figura 3: Catálogo de fotos utilizado para identificação das espécies	26
Figura 4: Suposta ranhura da Onça Parda encontrada na APA das Onças.....	27
Figura 5:Foto fornecida por um morador, de um suposto animal predado	28
Figura 6: Relatório emitido pelo CNUC, 2018	41
Figura 7: Toca do caçador em Serra de Moça- APA das Onças.....	45
Figura 8: Suporte do caçador em Serra de Moça- APA das Onças.....	46
Figura 9: Suporte do caçador em Serra de Moça - APA das Onças	46
Figura 10: Pegada de Onça Parda	47
Figura 11: Placa na entrada da APA por Poção-PE	48
Figura 12: Entrada da Serra do Paulo	48
Figura 13: Placa "Proibido Caçar e Passarilhar".....	49
Figura 14: Placa "Bosque das Caibeiras "	49
Figura 15: Placa da "Pedra do Flamingo"	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Questão sobre implantação da Área de Proteção Ambiental das Onças.....	22
Gráfico 2: Questão sobre implantação da Área de Proteção Ambiental da Onças.....	24
Gráfico 3: Questão sobre a ocorrência da espécie Puma concolor.....	25
Gráfico 4: Opinião da população sobre a onça	31
Gráfico 5: Questão sobre perdas por predação e frequência em que ocorre	32
Gráfico 6: Questão sobre espécie que mais preda.....	34
Gráfico 7: Questão sobre as espécies presentes na APA – Alunos do Ensino Fundamental	37
Gráfico 8: Espécies citadas pelos alunos do Ensino Médio, como presentes na APA.....	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Respostas dos alunos sobre a importância dos animais	36
Tabela 2: Perguntas objetivas do questionário entregue a funcionária SUDEMA-PB	39
Tabela 3: Respostas dos alunos sobre a importância dos animais	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA – Área de Proteção Ambiental das Onças

CNUC – Cadastro Nacional de Unidades de Conservação

SUDEMA - Superintendência de Administração do Meio Ambiente

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMBIO – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza

TCLE – Termo de Compromisso Livre e Esclarecido

MMA – Ministério do Meio Ambiente

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Objetivos.....	3
2. Fundamentação Teórica.....	4
2.1 Unidades de Conservação	4
2.2 Área de proteção ambiental das Onças.....	7
2.3 Onça Parda (<i>Puma concolor</i>)	8
2.4 Conflitos homem animal.....	10
2.5 Percepção Ambiental.....	12
2.6 Educação ambiental como alternativa à preservação ambiental	14
3. Procedimentos Metodológicos	15
3.1 Área de estudo	15
3.2 Metodologia.....	17
3.2.1 Coleta de dados.....	17
3.2.2 Estudo e caracterização da percepção ambiental.....	18
3.2.3 Atores Sócio ambientais	18
3.2.3.1 Moradores da APA	18
3.2.3.2 Alunos	19
3.2.4 Análise e caracterização da dinâmica de funcionamento da APA das Onças 19	
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
4.1 Percepção Ambiental dos moradores em relação a APA.....	20
4.2 Percepção Ambiental dos moradores em relação à Onça Parda.....	24
4.3 Percepção ambiental dos Alunos	35
4.4 Análise e caracterização da dinâmica de funcionamento da APA das Onças.....	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
Referências	53
APÊNDICES.....	59

1. INTRODUÇÃO

A questão ambiental tem sido foco de diversas discussões e estudos nos últimos anos, devido a intensa degradação que o meio ambiente vem sofrendo.

Com a crise ambiental que vem se instaurando no planeta, a sociedade Ocidental toma como base para a conservação da natureza o modelo de criação de áreas protegidas. Estas nada mais são do que reservas de biomas ou ilhas de vegetação, classificadas, a priori, a partir de critérios de beleza cênica (DIEGUES, 1996).

Nesse sentido, em 18 de julho de 2000, a Lei Federal nº 9.985 instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC, que é constituído pelo conjunto das unidades de conservação federais, estaduais e municipais. Dentre os vários objetivos do SNUC destaca-se, a proteção das espécies ameaçadas de extinção no âmbito regional e nacional e a promoção do desenvolvimento sustentável a partir dos recursos naturais (BRASIL., 2011).

As Unidades de Conservação dividem – se em dois grupos: Unidades de Proteção Integral, que tem como principal objetivo a preservação da natureza, admitindo apenas o uso indireto dos seus recursos naturais e as Unidades de Uso Sustentável, propõem compatibilizar a conservação da natureza, com o uso sustentável de parte dos seus recursos naturais.

O objeto de estudo da pesquisa em questão é uma Área de Proteção Ambiental (APA), denominada APA das Onças, instituída em 2002, pelo Decreto Estadual nº 22.880/2002, com o intuito de proteger uma ampla, e expressiva, área do Bioma Caatinga, está localizada no município de São João do Tigre-PB, porção ocidental do Cariri paraibano, sendo a maior unidade de conservação do estado, com 36.000 km². De acordo com o (IBGE, 2017) o município possui 816.116 km², uma população estimada de 4.427 habitantes, das quais cerca de 400 pessoas moram no interior da APA (Prefeitura de São João do Tigre, 2017).

A APA das Onças é caracterizada por abrigar uma quantidade considerável de sítios arqueológicos, uma fauna composta de animais de grande e médio porte, mamíferos, roedores e reptéis. Por ser uma Unidade de

Conservação de Desenvolvimento Sustentável, é permitido a permanência comunidades inteiras em seu interior, sob a responsabilidade administrativa do órgão Estadual do Meio Ambiente, a SUDEMA, e o apoio cooperativo da Prefeitura Municipal de São João do Tigre (BORGES, 2013).

Contudo, apesar de ter recebido o nome “APA das Onças”, não existe comprovação documental tratando da ocorrência dessa espécie na área citada. Sendo comum na região o relato oral e visual de sua presença em todo o Município, demonstrando assim, a importância no desenvolvimento de estudos que venham a comprovar a presença da Onça parda na APA.

A onça-parda (*Puma concolor*) também conhecida como Suçuarana, Puma ou Onça-vermelha, é considerada o segundo maior felino do Brasil. Pode ser encontrada em uma grande variedade de habitats desde áreas florestais a regiões de caatinga; ainda, áreas abertas de campos de pastagem e cultivos (ICMBIO, 2017).

A área de vida pode exceder 160 km² podendo variar de acordo do grau de preservação do habitat (sendo maior em áreas fragmentadas) e da disponibilidade de presas. O padrão de atividades é tipicamente noturno, apesar de eventualmente ser observada em atividade em diversas horas do dia, principalmente ao entardecer (ICMBIO, 2017).

Nesse sentido, o Instituto Chico Mendes para a Conservação da Biodiversidade (ICMBio), conforme estabelecido na Portaria MMA/ICMBio nº. 316 de 2009, em parceria com representantes da sociedade civil, desenvolveu um conjunto ordenado de ações que constituem o Plano de Ação Nacional para a Conservação da Onça-parda, que tem como objetivo reduzir a vulnerabilidade da onça-parda, ampliando a proteção dos e reduzindo conflitos com atividades antrópicas, especialmente nos biomas Mata Atlântica, Cerrado, Pantanal e Caatinga.

Porém o plano de ação foi desenvolvido a partir informações científicas, que comprovaram a presença da espécie em determinadas áreas, ficando de fora a APA das Onças, por não possuir nenhuma informação científica

evidenciando a presença da espécie na área, demonstrando assim a importância do presente estudo para a preservação da espécie Onça parda (*Puma concolor*).

Outro fator relevante da pesquisa, é a realização de uma análise dos aspectos da interação entre a população humana e a Área de Proteção Ambiental das Onças e como se deu a implantação da APA.

Em função disto, a presente pesquisa objetiva estudar os aspectos da interação entre a população humana e a Área de Proteção Ambiental (APA) das Onças em São João do Tigre na Paraíba e a possível ocorrência da onça parda (*Puma concolor*), a partir de relatos dos moradores das comunidades residentes no interior da APA e as relações existentes entre os mesmos e a espécie estudada.

Hipóteses

Os moradores reconhecem a importância da Área da Proteção Ambiental das Onças

Os moradores da APA têm conhecimento da presença da onça na região e sua relação é conflitante;

As autoridades ignoram ou desconhecem a presença da onça no local, negligenciando sua proteção e conservação de habitat;

1.1 Objetivos

Estudar a percepção ambiental dos moradores da Área de Proteção Ambiental das Onças e seus conhecimentos a respeito da Onça Parda (*Puma concolor*).

Objetivos específicos

- Verificar se a população local reconhece a importância da Área de Proteção Ambiental das Onças
- Documentar a partir de relatos da população, a ocorrência da onça parda (*Puma concolor*) na região;

- Analisar as relações existentes, entre os habitantes das comunidades presentes na APA, e a onça parda (*Puma concolor*), através de entrevistas com os habitantes dessa área;

2. Fundamentação Teórica

2.1 Unidades de Conservação

Diante do cenário de degradação que o meio ambiente vem passando nos últimos tempos, tem – se buscado cada vez mais, diversas formas de conservar o pouco que resta dos remanescentes florestais.

A criação de áreas protegidas surgiu como uma estratégia em diversos países para a conservação de áreas naturais e da biodiversidade, essas áreas diferenciam –se de acordo com sua finalidade, nível de intervenção do homem e esfera administrativa (governamental ou privada).

A primeira área de conservação a ser implementada no mundo foi o Parque Nacional de Yellowstone nos Estados Unidos, em 1872, que teve como principal objetivo preservar suas belas paisagens, pensando nas gerações futuras, sendo destinada apenas a atividades de lazer. Servindo também como modelo e incentivo para criação de áreas protegidas em diversos países, como Canadá (1885), Nova Zelândia (1894), África do Sul, Austrália (1898), México (1894), entre outros (DAS GRAÇAS VIEIRA, 2014).

No Brasil, o movimento para criação de áreas protegidas teve início em 1876, com o engenheiro e botânico André Rebouças, propondo a criação de parques nacionais, seguindo a ideia do projeto norte americano (BENSUSAN, 2006), o qual propôs a criação de dois parques: um na Ilha do Bananal (TO) e outro em Sete Quedas (PR) (PIRES, 2002). Contudo, o fato só veio se concretizar em 1896, com criação do Parque Estadual de São Paulo (MEDEIROS et al, 2004), no entanto diversos autores chegaram a um consenso considerando o Parque Itatiaia, que foi criado em 1937 como à primeira área de proteção criada no Brasil (DIEGUES, 2001; FERREIRA, 2004; CABRAL; 2002 apud MEDEIROS, 2006). Contudo, a criação de parques nacionais no Brasil

seguiu lentamente, passando-se cerca de 20 anos para que fossem criados outros parques nacionais.

Nessa mesma época foram criadas também as primeiras leis de proteção à natureza, como: o Código Florestal (Decreto 23793/1934), o Código de Águas (Decreto 24643/1934), o Código de Caça e Pesca (Decreto 23672/1934) e o decreto de proteção aos animais (Decreto 24645/1934) (MEDEIROS, 2006), todas no mesmo ano e sob o governo de Getúlio Vargas.

Desde então o número de áreas protegidas aumentou substancialmente, sendo necessária a criação de uma lei que tratasse especificamente dessas áreas auxiliando na gestão e manutenção dessas UC's.

Nesse contexto, o governo Brasileiro, promulgou a Lei Nº 9.985/2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC, a qual estabelece critérios e normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação.

Entende -se por Unidade de conservação, de acordo com o Art. 2 da Lei Nº 9.985/2000 como:

“Espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção” (BRASIL, 2011).

As Unidades de Conservação dividem – se em dois grupos: Unidades de Proteção Integral e as Unidades de Uso Sustentável.

A unidade de proteção integral tem como principal objetivo a preservação da natureza, admitindo apenas o uso indireto dos seus recursos naturais. São compostas pelas seguintes categorias: Estação ecológica (ESEC), Reserva ecológica (RESEC), Parque ecológico (PARQUE), Monumento natural (MONA) e Refúgio da vida silvestre (REBIO).

As Unidades de Uso Sustentável, propõem compatibilizar a conservação da natureza, com o uso sustentável de parte dos seus recursos naturais. São classificadas como: Áreas de Proteção Ambiental (APA), Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE), Florestas Nacionais (FLONA), Reservas Extrativistas (RESEX), Reservas de Fauna (REFAU), Reservas de Desenvolvimento Sustentável (RDS), e as Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN) (BRASIL, 2011).

Atualmente, no Brasil, as áreas protegidas ocupam uma área de cerca de 1.590.327 km² incluindo as áreas de proteção integral e uso sustentável, sendo 959 unidades de proteção na esfera federal, 883 da esfera estadual e 258 unidades de proteção a esfera municipal, totalizando 2.100 unidades de conservação em todo território nacional (CNUC/MMA,2017).

Na Paraíba existem 31 unidades de conservação, sendo, 13 de esfera administrativa federal, 17 estadual, e apenas uma municipal (CNUC/MMA,2017).

Considerando que essas áreas desempenham um importante papel na conservação da biodiversidade, se faz necessário investigar se tais objetivos estão sendo cumpridos (TEIXEIRA 2016), por meio de estudos com a população que vive próxima a essas áreas, as quais podem revelar a realidade local do ambiente.

Nesse sentido, é importante relatar a importância de uma gestão ativa dessas unidades, uma vez que, além de oficializar a proteção de determinadas áreas, deve ser feito concomitantemente um trabalho de educação ambiental com toda a comunidade presente no entorno dessas unidades, visto que, em sua maioria desconhecem a importância dessa estratégia de preservação, como também muitas vezes sequer são informados da criação dessas áreas.

A gestão ambiental das unidades de conservação no Brasil, ainda é um dos grandes gargalos da preservação ambiental, uma vez que, os órgãos que geralmente são designados a tais atividades, não recebem recursos suficientes para manter o trabalho ativo, como também não dispõem de profissionais qualificados e interessados para exercer tais atividades.

2.2 Área de proteção ambiental das Onças

Área de Proteção Ambiental (APA) das Onças, foi instituída no ano de 2002, a partir do Decreto Estadual nº 22.880/2002, e tem o objetivo de proteger uma a fauna local e principalmente o seu bioma que é a Caatinga. A APA está localizada no município de São João do Tigre-PB, porção ocidental do Cariri paraibano, sendo a maior unidade de conservação do estado, com 36.000 km².

De acordo com o IBGE (2016) o município possui 816.116 km² e uma população estimada de 4.427 habitantes, das quais cerca de 650 pessoas moram no interior da APA (Prefeitura de São João do Tigre, 2017).

A APA das Onças é caracterizada principalmente por abrigar uma grande quantidade de sítios arqueológicos preservados e uma fauna composta de animais de grande e médio porte, mamíferos, roedores e reptéis (BRASIL, Decreto Estadual nº 22.880/2002).

O município de São João do Tigre, o qual está localizado a APA das Onças, encontra – se inserido na depressão sertaneja, apresentando uma paisagem típica do semiárido nordestino, sendo a área de proteção ambiental composta basicamente por uma vegetação do tipo Caatinga Hiperxerófila com trechos de Floresta Caducifólia (CPRM, 2005), apresentando ainda algumas espécies da mata atlântica, sendo sugerido que no local ocorra uma transição de biomas (CUNHA,2012)

Contudo, apesar de ser a maior área de proteção do estado da Paraíba, os estudos com relação a fauna local ainda são escassos, apesar de conter em seu decreto de criação um parágrafo garantido a preservação da espécie Onça parda (*Puma concolor*), ainda não existe comprovação científica da ocorrência desse felino na área, porém, relatos da comunidade local indicam a provável ocorrência dessa espécie, demonstrando assim a necessidade de estudos mais aprofundados a esse respeito.

Por ser uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável, a permanência de comunidades no interior da APA das Onças é permitida sob a responsabilidade administrativa do seu órgão gestor, a Superintendência de

Administração do Meio Ambiente (SUDEMA), e o apoio cooperativo da Prefeitura Municipal de São João do Tigre (BORGES, 2013).

Segundo SILVA (2014), o cenário que é visto na APA das onças não difere das demais unidades de conservação criadas em todo território nacional, uma vez que, a APA das onças é caracterizada principalmente pela omissão do seu órgão gestor, tornando a área carente de fiscalização e gerando assim o uso inadequado dos recursos naturais presentes no local, como a intensa exploração de madeira, caça excessiva de espécies silvestres, remoção da vegetação nativa para uso do solo, acarretando assim a deterioração do solo e redução de espaço disponível para biodiversidade local, como também as que estão de passagem pela região (SILVA,2014).

Assim, a APA das Onças deixa a desejar no sentido de preservação ambiental, demonstrando assim a necessidade da realização de mais estudos voltados para o levantamento de fauna e flora, como também um trabalho voltado a educação ambiental com a população local, de maneira que estes possam proporcionar a preservação da referida área.

2.3 Onça Parda (*Puma concolor*)

A onça-parda (*Puma concolor*) também conhecida como Suçuarana, Puma ou Onça-vermelha, é considerada o segundo maior felino do Brasil e pode ser encontrada em uma grande variedade de habitats desde áreas florestais a regiões de caatinga, áreas abertas de campos de pastagem e cultivos (ICMBIO, 2017).

A área de vida pode exceder 160 km variando de acordo com o grau de preservação do habitat (sendo maior em áreas fragmentadas) e da disponibilidade de presas. O padrão de atividades é tipicamente noturno, apesar de eventualmente ser observada em atividade em diversas horas do dia, principalmente ao entardecer (ICMBIO, 2017).

Originalmente a Onça parda foi descrita por Linnaeus (1771) como *Felis concolor*, contudo, baseado na proposta de original de Jardine, feita em 1834, a espécie recentemente foi reconhecida em um gênero separado o Puma (DE AZEVEDO, 2013).

De acordo com Culver *et al.* (2000) existem duas sub espécies de *Puma concolor* no Brasil, o *P. concolor concolor*, e o *P. concolor capricornensis*, destes, sugere – se que apenas o *capricorniensis* pode ser encontrado em grande parte o território brasileiro (DE AZEVEDO, 2013), sendo possivelmente a espécie que ocorre na APA das onças

São animais com dieta prioritariamente carnívora, considerados oportunistas, alimentando – se de presas disponíveis no local, incluindo animais domésticos. Geralmente costumam arrastar suas presas por cerca de 0 à 80 metros do local e cobri – las com vegetação ou material disponível. Em geral, costumam retornar ao local por vários dias para se alimentar da carcaça (BIER *et al.*, 1995).

O tamanho desses animais pode variar de acordo com seu habitat e disponibilidade de presas, sendo os animais dos trópicos considerados menores que as espécies encontradas em regiões temperadas (IRIARTE *et al.*, 1990; REDFORD e EISENBERG, 1992 *apud* BILSKI, 2007).

Apesar de ser uma espécie que possui grande capacidade de sobrevivência, o *P. concolor* atualmente está classificado como vulnerável na lista de espécies ameaçadas de extinção. (ICMBIO, 2014)

Nesse sentido, o presente estudo demonstra sua relevância, diante da necessidade da realização da análise dos aspectos da interação entre a população humana e a onça parda, uma vez que o entendimento desse relacionamento pode auxiliar no desenvolvimento de estratégias de preservação local para a espécie citada.

Além disso, o Instituto Chico Mendes para a Conservação da Biodiversidade (ICMBio), no ano de 2009, desenvolveu o Plano de Ação Nacional para a Conservação da Onça-parda, que tem como objetivo reduzir a vulnerabilidade da onça-parda, ampliando a proteção dos habitats adequando o conhecimento aplicado a sua conservação e reduzindo conflitos com atividades antrópicas, especialmente nos biomas Mata Atlântica, Cerrado, Pantanal e Caatinga.

Porém o plano de ação foi desenvolvido a partir publicações científicas, que comprovaram a presença da espécie em determinadas áreas, ficando de fora a APA das Onças, por não possuir nenhuma informação científica, evidenciando a presença da espécie na área, demonstrando assim a importância do presente estudo para a preservação da espécie Onça parda (*Puma concolor*).

2.4 Conflitos homem animal

Na sociedade moderna, um assunto que tem se tornado corriqueiro é a constante aparição de animais silvestres em grades centros urbanos, fato este que é motivo de preocupação, uma vez que tais acontecimentos são indicativos de que a cada dia que passa os animais estão perdendo seu espaço na natureza e por falta de opção tendo que se aproximar da espécie humana gerando conflitos e sendo tomados como culpados, quando obviamente na verdade são vítimas de um crescimento desenfreado e sem planejamento, como os que ocorrem na maioria das cidades Brasileiras.

Em função disto, como alternativa à essa redução de habitat's foram criadas Unidades de Proteção Ambiental, as quais possuem como um dos principais objetivos a proteção à fauna, contudo, de acordo com BENSUSSAN (2006) a maioria das áreas de proteção, da categoria de uso sustentável possuem "má fama" quando se trata em conservação da biodiversidade, em sua maioria são consideradas "apa's de papel" o que significa que estas não saíram do papel, tornado ineficaz o principal atributo dessa estratégia, que seria estimular a conscientização para a utilização sustentável da região em questão.

Contudo, para DIEGUES (2001) a implementação de unidades de conservação ainda constitui o melhor instrumento para a conservação da biodiversidade, com a ressalva de que apenas a implementação não é suficiente para a proteção dessas áreas, sendo a falta de manejo adequado considerada a principal da causa do processo de degradação ambiental.

Além disso, a ausência de gestão e manejo dessas áreas de conservação, dificultam o processo de reeducação da população local, que vive em meio ao constante conflito com os animais silvestres que ocorrem na região.

Os animais silvestres, principalmente os carnívoros e os reptéis são espécies que frequentemente estão envolvidos em relações conflituosas, em função do primeiro ser considerado o principal predador de animais domésticos e o segundo muitas vezes considerado como praga, representando também certo grau de risco a saúde humana (ALVES et al. 2009, 2010a; SANTOS- FITA et al. 2010 apud MENDONÇA et al 2011).

Com isso, torna-se evidente a importância da implementação de planos de manejo nessas áreas, como também trabalhos de educação ambiental, que busquem conscientizar a população a respeito desses animais, demonstrando sua devida importância para a manutenção do equilíbrio do ecossistema.

Entretanto, essa relação homem animal é deveras complexa, sendo registrado em diversas localidades do Brasil conflito entre carnívoros e humanos (MENDONÇA et al, 2011).

Em um estudo realizado com Lobo guará (*Chrysocyon brachyurus*), em fragmentos de Cerrado na região de Minas gerais constatou-se um número significativo de mortes e capturas desses animais, em decorrência das predações causadas por estes, como também se percebeu a necessidade de um trabalho de educação ambiental mais eficaz para tentar amenizar o problema (QUEIROGAS, 2007).

SCHULZ e colaboradores (2014), relataram em uma pesquisa feita com *Puma concolor* na região Sul do Brasil, a importância de estudos sobre conflitos entre agricultores e animais silvestres, demonstrando através deste, a eficácia da realização de entrevistas como instrumento métrico para documentar conflitos com predadores em áreas rurais, além disso enfatizaram a importância dessas comunidades na elaboração de estratégias de preservação da natureza, uma vez que, detectou – se nesse estudo que as perdas de animais por predação são relativamente baixas quando comparadas a outras perdas causadas por outros fatores, como doenças, por exemplo, fato este que não impede que esses animais sejam mortos ilegalmente por proprietários de terra.

Com isso, torna – se evidente a importância da realização de estudos sobre conflitos homem animal, uma vez que este pode elucidar os principais

gargalos da preservação da biodiversidade, auxiliando na elaboração de estratégias mais eficazes para realização da preservação, como também demonstra a importância da educação ambiental em áreas prioritárias, servindo como elo fortalecedor entre a academia e a população, colocando em prática as pesquisas acadêmicas e auxiliando na preservação ambiental.

2.5 Percepção Ambiental

O estudo da percepção ambiental, tem se tornado uma importante ferramenta de auxílio na preservação ambiental, e na literatura é possível encontrar diversas definições, mas que fundamentalmente corroboram com uma mesma ideia, de acordo com PINHEIRO e GÜNTHER (2008) o estudo da percepção ambiental refere-se a apreensão da realidade externa e percepção do entorno espacial.

DE ASSIS (2017), caracteriza a percepção ambiental como uma forma de compreender a relação entre as pessoas e o meio ambiente em que vivem, como também a forma como as pessoas percebem as mudanças ambientais ao seu redor e suas respectivas reações para tais acontecimentos

Segundo Darkin (2003) o estudo da percepção ambiental pode ser realizado através de métodos, que são concretizados por meio de abordagens feitas por especialistas, que passam a avaliar desde reações de observadores a fotografias a análises de relatos de experiências, que tratam do significado dos espaços a partir da vivência dos indivíduos estudados.

No atual contexto brasileiro de programas de preservação do meio ambiente, a percepção ambiental torna-se uma ferramenta de extrema importância, pois através desta pode – se ter uma visão do ambiente sob a ótica da sociedade, a qual encontra-se diretamente em contato com as áreas de interesse ecológico, possibilitando a realização de estudos de avaliação da efetividade das estratégias de conservação, estes que são de suma importância para a continuidade e aperfeiçoamento das referidas estratégias.

Dessa forma o envolvimento da comunidade local torna-se um importante elemento que precisa ser incorporado nas estratégias de preservação da natureza, uma vez que a interação de diversos atores pode resultar em uma

estratégia mais eficaz (PRIMACK; RODRIGUES, 2001, LOUREIRO; AZAZIEL; FRANCA, 2003 apud GONÇALVEZ, 2012), agregando o conhecimento popular a pesquisa científica, de maneira que estas se enquadrem na perspectiva local gerando benefícios mútuos.

Percebe – se, portanto, que cada indivíduo enxerga e interpreta o ambiente de maneira distinta, de acordo com suas experiências, expectativas e anseios. Ao considerar os níveis de percepção ambiental, é possível verificar que grupos humanos heterogêneos com experiências diversificadas, agregadas a elementos como faixa etária, nível socioeconômico, cultura, gênero e etc., podem vir a revelar percepções variadas (GONÇALVEZ, 2012).

Com relação a fauna silvestre, o trabalho de percepção ambiental se mostra como principal indicador de como a população se sente em relação a fauna local, além disso, pode auxiliar no estudo de levantamento faunístico de uma determinada área, através dos indicativos fornecidos pela população estudada.

Corroborando com essa ideia, Buss; Romanowski & Becker (2014) ao realizarem uma pesquisa de percepção ambiental com bugio-ruivo (*Alouatta guariba clamitans*) no Rio Grande do Sul, puderam identificar através das entrevistas realizadas, a ocorrência de espécies consideradas criticamente ameaçadas de extinção na região estudada.

Além disso, durante a mesma pesquisa foi identificada a capacidade de distinção entre duas espécies de felinos por parte de alguns dos entrevistados, reforçando ainda mais a importância da participação desses atores no estudo sobre a fauna silvestre e a valorização do saber e da memória popular, as quais agregadas ao conhecimento científico podem enriquecer ainda mais o conhecimento sobre as espécies tanto silvestres como domésticas, como também podem servir de apoio na elaboração de estratégias para a conservação animal.

Partindo desse mesmo princípio, o presente estudo busca valorizar esse conhecimento popular, captando através do imaginário coletivo a percepção ambiental dos moradores da Área de Proteção Ambiental da Onças em São João

do Tigre na Paraíba, em relação a Onças Parda, espécie símbolo da área, como também a percepção a respeito da APA.

Portanto, o estudo da percepção ambiental torna-se uma importante ferramenta para preservação ambiental, identificando não só a relação homem/natureza, como também auxilia no estudo de possíveis conflitos sociais existentes nas áreas de preservação ambiental.

2.6 Educação ambiental como alternativa à preservação ambiental

A educação ambiental apesar de ser um assunto de tamanha relevância para a preservação ambiental, ainda é pouco valorizada e relativamente pouco aplicada no Brasil.

Existem várias definições para a educação ambiental, contudo a que será utilizada no presente trabalho é a definida pela Lei Nº 9.795, de 27 de abril de 1999 que dispõe sobre a educação ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental, assim:

“Art. 1º Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. ”

Percebe – se, portanto, através desta definição a importância da educação ambiental para o desenvolvimento do ser humano, assim como para a política de proteção ambiental, uma vez que indivíduos informados e conscientes do valor do que o meio ambiente tem, são induzidos a respeitá-lo e passar esse respeito adiante para as futuras gerações.

Ainda no artigo 2º dessa mesma lei a educação ambiental é considerada “um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal. ” Enfatizando mais uma vez a

importância da educação ambiental para a tomada de consciência da população em geral.

Nesse sentido, BOSA & COSTA (2014) apontam as unidades de conservação como valiosos espaços para desenvolvimento e aprimoramento da educação ambiental, destacando a importância da realização de trabalhos de educação não só com os visitantes, mas também com a população que vive no entorno destas áreas, uma vez que essas atividades podem demonstrar a importância desses locais, possibilitando a tomada de consciência por parte da população envolvida.

Contudo, o trabalho da educação ambiental nem sempre é posto em prática nas áreas de proteção ambiental, especialmente nas áreas de categoria de uso sustentável, as quais deveriam possuir obrigatoriamente e concomitantemente a sua criação um projeto de desenvolvimento da educação ambiental, uma vez que geralmente já existem comunidades residentes nas APA'S, as quais necessitam de um trabalho de educação e conscientização e não apenas de repressão, como acontece na maioria dos casos.

Além disso a educação ambiental pode servir como instrumento participativo na gestão das áreas de proteção ambiental, uma vez que a maioria dessas unidades sofrem com a ausência ou insuficiência dos órgãos gestores.

Contudo, o desenvolvimento de trabalhos de educação ambiental em comunidades residentes e próximas a as unidades de conservação, podem proporcionar um aumento na eficácia dessa estratégia de preservação do meio ambiente, assim como conscientizar a população da importância dessas áreas.

3. Procedimentos Metodológicos

3.1 Área de estudo

A presente pesquisa foi realizada na Área de Proteção Ambiental (APA) das Onças, localizada no município de São João do Tigre, a cerca 393 km de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba.

A área de proteção Ambiental das Onças foi instituída em 2002 através do decreto estadual 22.880/2002, ocupa uma área de 36 mil ha, constituindo

uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável, de jurisdição estadual, gerenciada pela Superintendência de Administração do Meio Ambiente (SUDEMA).

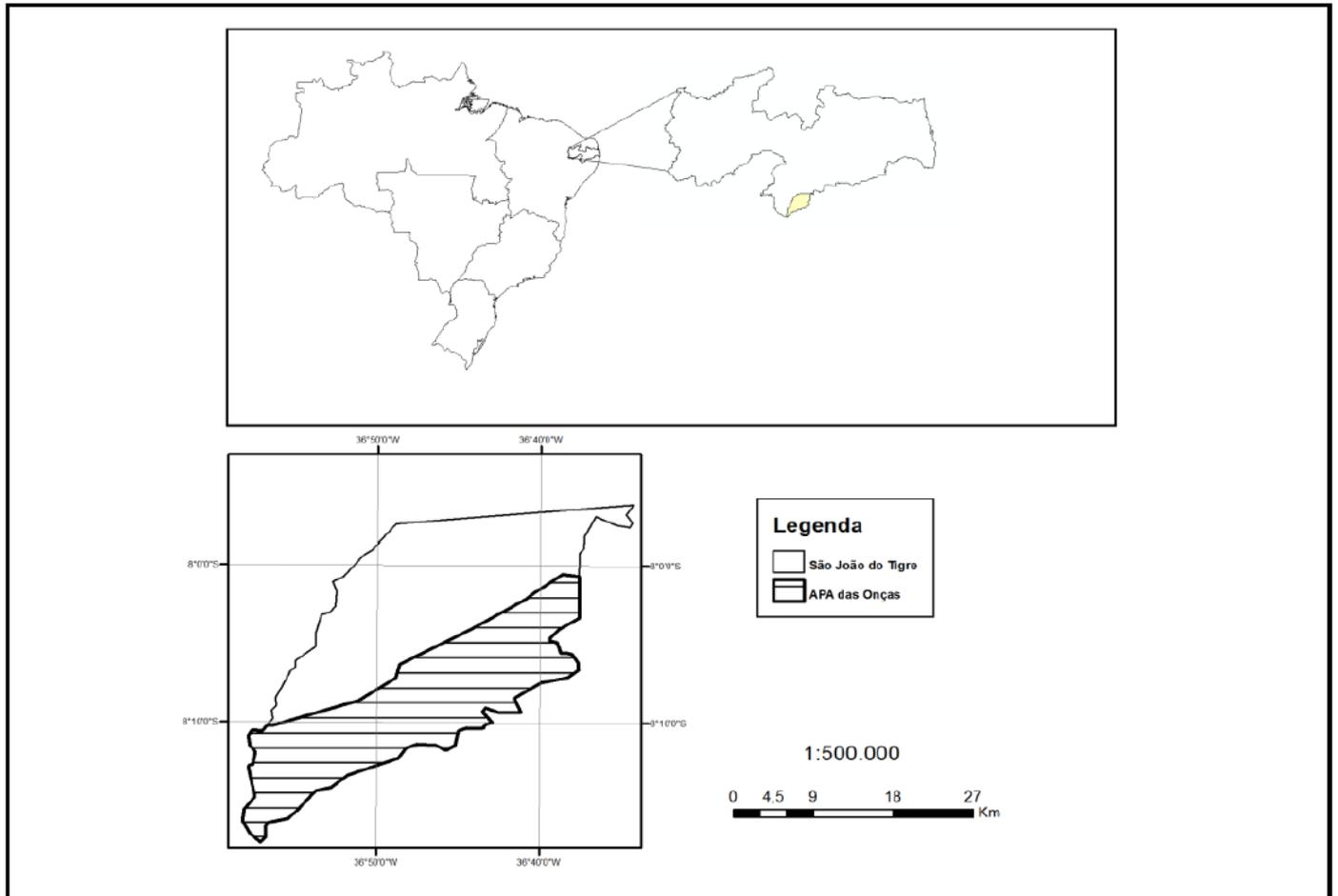


Figura 1: Mapa do Município e da Área de Proteção Ambiental das Onças

Fonte: CUNHA, 2013

A APA das onças, foi criada principalmente com o intuito de garantir a preservação da vegetação remanescente, dos sítios arqueológicos, proteger e garantir a conservação do habitat da onça parda (*Puma concolor*) e Veado – campeiro (*Ozotocerus bezoarticus sp*), entre outros.

Possui clima caracterizado como sendo quente, semiárido, com chuvas de verão e vegetação típica da caatinga, classificada como arbórea ou arbustiva, e aberta e fechada, com formações xerófitas, lenhosa decíduas (SUDEMA, 2005; BORGES, 2013; CUNHA, 2013)

Atualmente o município possui uma população estimada em 4.423 habitantes (IBGE, 2016), dentre estas, de acordo com dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de São João do Tigre (2017) cerca de 400 famílias vivem na zona rural, no entanto, nem todas habitam dentro da APA das Onças, sendo a zona rural composta pela APA e por uma área que não está inserida na unidade de conservação.

A grande maioria dos habitantes da APA residem em sítios ou comunidades. Durante a pesquisa foi possível visitar grande parte desses locais, dentre eles: Sítio Pinturas, Sítio Bahia, Sítio Mochila, Sítio Felicidade, Sítio Jurema, Cascavel, Cachoeira do Gavião, Lavras, Tabaqueiro, Serra de Moça, Serra do Paulo, Santa Maria, Monteirinho, Cacimbinha, Jucurutu, Quati, Atravessado, entre outros.

3.2 Metodologia

3.2.1 Coleta de dados

Os primeiros contatos com a comunidade local tiveram início em fevereiro de 2017, com visitas a área de estudo e contato com alguns moradores locais, incluindo o condutor local, que serviu como facilitador para o acesso a APA e aos moradores da região.

Para avaliar e compreender a dinâmica da APA das Onças foi utilizada a metodologia semelhante a seguida por SILVA (2006) e adaptada de acordo com as necessidades do presente trabalho, onde, foram realizadas entrevistas com moradores locais, estudantes de duas escolas de ensino público e um funcionário do órgão gestor, os quais, responderam a um questionário semiestruturado, abordando questões relativas a Área de Proteção Ambiental das Onças.

Antes iniciar as entrevistas os moradores foram informados sobre o tema e a finalidade da pesquisa, solicitando sua participação voluntária e que os mesmos assinassem o termo de consentimento livre e esclarecido, previamente autorizado e emitido pelo comitê de ética da Universidade Federal da Paraíba, CAAE N° 67125917.0.0000.5188.

3.2.2 Estudo e caracterização da percepção ambiental

De acordo com Vieira (2005) *apud* Santos (2006), a pesquisa participativa é uma ferramenta de grande utilidade, pois promove o envolvimento comunitário, reconhecendo, o valor e a legitimidade dos diferentes tipos de conhecimentos, em particular o conhecimento popular e nativo.

Com isso, o estudo da percepção ambiental foi dividido em dois grupos, o grupo dos moradores da APA e o grupo dos alunos de duas escolas públicas local, composta por crianças e adolescentes.

O questionário foi construído de maneira intuitiva, composto por questões que englobassem aspectos como a percepção ambiental a respeito da APA e a percepção a respeito da Onça Parda, espécie símbolo da área.

Para aferir o nível de confiabilidade na identificação da espécie estudada, utilizou – se o método baseado no teste projetivo (ALBUQUERQUE et al, 2008). Para tanto, foi apresentado um catálogo de fotos contendo diversas imagens de felinos, incluindo espécies nativas e exóticas, garantindo assim a fidelidade nas respostas, onde, os participantes que indicaram a ocorrência de espécies exóticas, tiveram seus questionários posteriormente eliminados da pesquisa.

3.2.3 Atores Sócio ambientais

3.2.3.1 Moradores da APA

Foram realizadas entrevistas de cunho qualitativo, através da técnica amostral não probabilística por conveniência (OLIVEIRA, 2001) utilizando abordagem da amostra do tipo “Bola de neve” (snow ball). As entrevistas foram precedidas de conversas informais e posterior utilização de questionários semiestruturados (ALBERTI, 2004; GIL, 2008).

Considerando o fato de que as comunidades encontram – se relativamente distantes, uma das outras e que a maioria dos residentes trabalham fora durante o dia, foram estabelecidos alguns critérios para escolha dos entrevistados, desta forma: foram entrevistados preferencialmente os

moradores mais antigos da APA das Onças, apenas um representante por família e foi dada preferência a moradores indicados por outros moradores.

Para superar a suspeita e desconfiança local, que tomava a pesquisa como fiscalização governamental, o auxílio do condutor local foi imprescindível, uma vez que o mesmo proporcionou um certo nível de confiança por parte de alguns moradores, facilitando a realização das entrevistas.

Em função disto e com intuito de conquistar a confiança dos entrevistados, não foram realizadas perguntas de cunho socioeconômico, tendo como foco apenas questões relacionadas APA e a espécie *Puma concolor*

3.2.3.2 Alunos

Foram aplicados questionários à alunos de duas escolas locais, a Escola de Campo Água Azul e a Escola Estadual de Ensino Médio Mario Oliveira Chaves, foi selecionado apenas uma turma de cada escola, sendo uma turma de alunos que moram na zona rural e outra de alunos que moram na zona urbana.

Os questionários foram aplicados diretamente aos alunos e os mesmos levaram para casa, para que seu responsável legal assinasse o TCLE autorizando o menor a participar da pesquisa, o que veio a limitar o número de participantes, uma vez que alguns pais se recusaram a assinar o termo.

3.2.4 Análise e caracterização da dinâmica de funcionamento da APA das Onças

Realizou – se uma entrevista com um funcionário do órgão responsável pela gestão da Área de Proteção Ambiental das Onças, a Superintendência de Administração e Meio Ambiente (SUDEMA) com o objetivo de diagnosticar o tipo de funcionamento e identificar os impasses existentes no gerenciamento da APA.

Para a realização da entrevista, foram feitos todos os procedimentos legais delegados pelo órgão, onde, realizou – se uma solicitação feita por meio de ofício requisitando a autorização para a realização da entrevista, a qual foi

autorizada e prontamente respondida, sendo designado apenas um funcionário do órgão a participar da pesquisa.

Para tanto, utilizou – se um questionário abordando aspectos relativos à implantação da APA, formação do administrador, fiscalização, projetos de pesquisas científicas, dentre outros.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Percepção Ambiental dos moradores em relação a APA

As entrevistas foram realizadas durante o mês de maio e junho de 2017, ao todo foram visitadas 17 (Figura 2) comunidades alocadas no interior da APA, contudo não foram realizadas entrevistas em todos os locais visitados, uma vez que a metodologia utilizada, buscava locais e moradores que fossem peças chave e obtivessem alguma informação a respeito da Onça parda, entretanto, em função da região ter tido por muito tempo a tradição da caça, a população local ainda apresenta receio em falar sobre a espécie, o que dificultou a coleta de dados, apesar da presença do condutor local e da explanação do motivo da pesquisa, algumas pessoas não se sentiram à vontade para falar sobre o assunto, algumas vezes até se negando a participar da pesquisa.

No entanto, foram realizadas 33 entrevistas com os moradores da APA, destas, 5 entrevistas foram eliminadas, por não passarem no teste de confiabilidade, sendo tabuladas apenas 28.

Os critérios para a escolha do representante da família se deu em função da atividade exercida pelo mesmo, visto que, de acordo com os primeiros contatos feitos em visita prévia, as mulheres da região geralmente ocupam a maior parte do seu tempo no trabalho doméstico ou em hortas e atividades próximas as residências e os homens em sua maioria, trabalham com o manejo animal e frequentemente se deslocam para a mata, o que vem a possibilitar que o mesmo tenha mais embasamento para falar a respeito da APA, como também mais contato com a fauna local.

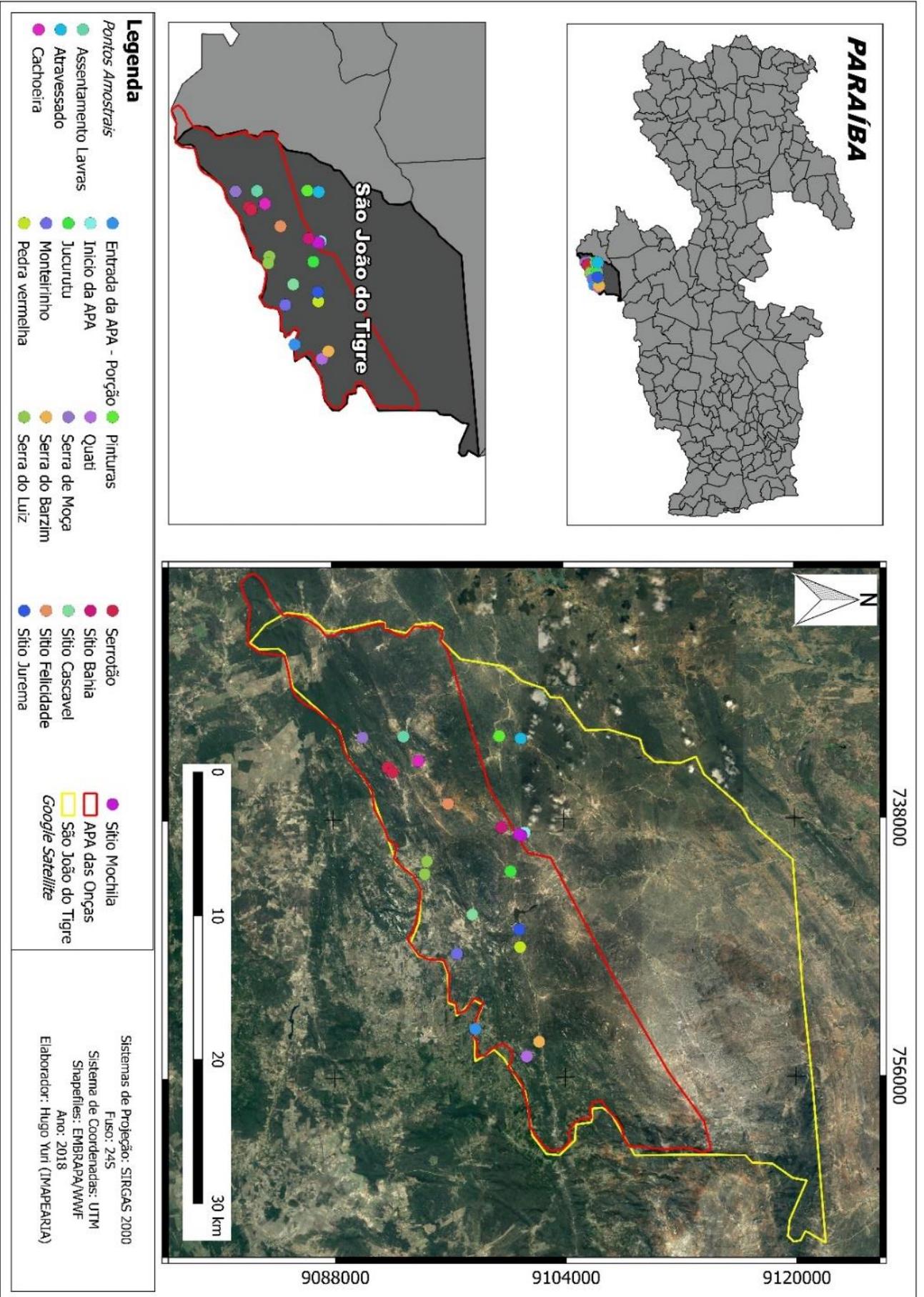


Figura 2: Locais visitados durante a realização das entrevistas

Do total dos entrevistados 100% eram do sexo masculino, com idades variando entre 36 e 83 anos, no entanto, 57,1% dos entrevistados possuíam mais de 51 anos.

Ao serem questionados sobre a implantação da APA (Gráfico 1), 75% dos entrevistados afirmaram não terem sido informados sobre criação da mesma, alguns alegando desconhecer se residiam dentro ou fora da área de proteção ambiental, contudo 25% dos entrevistados afirmaram terem sido informados da criação, através de visitas in loco de funcionários do órgão, como também relataram a realização de uma reunião no município (consulta popular) de São João do Tigre para informar aos mesmos sobre a implantação da Unidade de Conservação.

Porém, apesar dos esforços do órgão gestor, grande parte da população não foi contemplada com a informação da criação e da importância que a área tem para o meio ambiente e para a cidade.

SILVA E SILVA (2013), ao entrevistar moradores do entorno do Parque Estadual Barão Mauá no Rio de Janeiro encontraram resultados equivalentes aos da presente pesquisa, uma vez que 75% dos participantes afirmaram não ter conhecimento sobre a presença do local e 100% declararam não ter sido informados na implantação da UC no local.

Resultados semelhantes também foram encontrados por GARCIA; KOPP & GODOI (2015), onde 49% dos entrevistados afirmaram saber o que é uma APA entretanto, apenas duas pessoas conseguiram defini-la corretamente, mesmo residindo no interior de uma área de proteção ambiental.

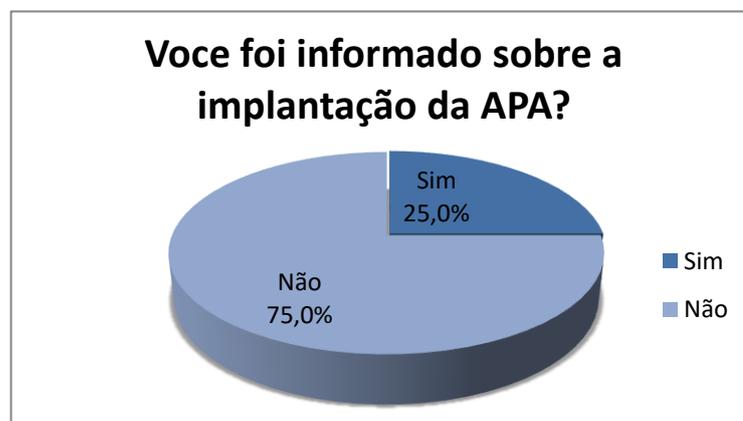


Gráfico 1: Questão sobre implantação da Área de Proteção Ambiental das Onças

Na questão sobre a ocorrência de alguma mudança no local após a criação da Unidade de Conservação (Gráfico 2) 85,7% dos entrevistados relataram não terem enfrentado nenhum tipo de mudança no local, mesmo após a criação da APA, fato preocupante, tendo em vista que a área foi criada há 15 anos e até o presente momento nem os residentes locais presenciaram mudanças significativas na região, o que contrapõe totalmente a ideia de uma área de proteção ambiental, a qual é criada visando o uso sustentável do local.

Tais resultados destacam um dos principais entraves desse tipo de unidade de conservação, como evidenciado por PINHEIRO GONÇALVES; BRAGA BRANQUINHO & FELZENSZWALB (2011), ao questionarem 606 alunos da Universitários em Petrópolis, apenas 8,9% alegaram ter conhecimento da APA de Petrópolis no Rio de Janeiro, resultado este que aponta a falta de reconhecimento popular para este tipo de UC, bem como a carência de uma gestão mais efetiva.

Por sua vez, 14,3% dos moradores entrevistados na presente pesquisa afirmaram ter sentido uma leve mudança no local, alguns afirmam ter adquirido mais consciência ambiental, através do reconhecimento da ilegalidade da realização da prática da caça, alegando não praticarem mais tais atos, porém, alguns afirmaram se sentir inseguros com relação a caçadores externos, advindos de outros municípios, os quais, se dirigem a região para a prática da caça predatória, sendo sugerido por um dos moradores que a criação da APA fez que com que parte da população entendesse que isto significasse que o local seria uma área do governo conhecida como “pública” e considerada por muitos como “terra sem dono”, fazendo com que essas pessoas se sentissem no direito de invadir qualquer propriedade no interior da APA, e como não há polícia ambiental presente constantemente no local, o principal propósito da criação da Unidade de Conservação, nesse sentido, se torna ineficaz.

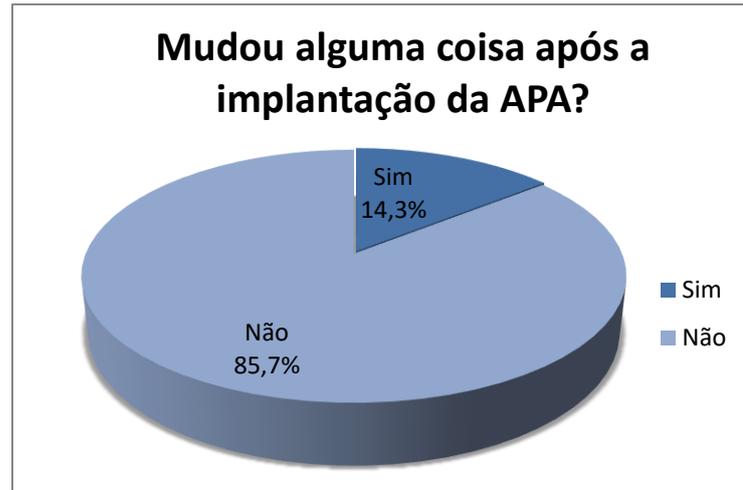


Gráfico 2: Questão sobre implantação da Área de Proteção Ambiental da Onças

Comentários semelhantes foram encontrados por PINTO (2011) em entrevistas realizadas com moradores do entorno do Parque Estadual Serra do Ouro Branco, relatando que moradores locais não praticam mais a caça predatória, indicando que os principais atuantes dessa atividade são pessoas que residem em municípios vizinhos.

Tais resultados demonstram que apesar do pequeno número de indivíduos que reconhecem a área de preservação, é de suma importância que estes tenham uma certa consciência ambiental, uma vez que através destes pode – se buscar a realização de trabalhos de educação ambiental voltados para essa população com a esperança que pelo menos uma parcela dos moradores seja atingida, de maneira que estes repassem os conhecimentos para os demais que vivem na comunidade.

4.2 Percepção Ambiental dos moradores em relação à Onça Parda

Em relação a fauna, os moradores foram questionados prioritariamente a respeito da ocorrência Onça parda (*Puma concolor*), espécie símbolo da área de proteção ambiental.

Ao serem questionados sobre a ocorrência dessa espécie na região, muitos moradores se mostraram receosos em comentar sobre o animal, alguns até se negando inicialmente, fato este que se dá devido a intensa ocorrência de caçadores no local, principalmente pelo fato do animal pesquisado ser um predador que em

período de escassez de alimentos, costuma atacar criações de animais domésticos, fazendo com que a Onça parda (*Puma concolor*) não seja bem quista na região.

Para identificação dos animais e aferir a confiabilidade das respostas, foi utilizado um catálogo (Figura 3) contendo fotos de 15 espécies de felinos selvagens, incluindo espécies nativas e exóticas, que foram escolhidas em de acordo com suas características fenotípicas, contendo espécies que ocorrem na região estudada e outras não, garantindo assim a acurácia das respostas. As fotos foram identificadas por números, ocultando assim, tanto o nome científico como vulgar das espécies selecionadas.

Durante a realização das entrevistas as fotos foram apresentadas aos participantes e sem interferir, foi solicitado que os mesmos identificassem quais as espécies que já foram vistas ou ouviu – se falar que haviam na região.

Após analisar as fotos, 21,4% dos entrevistados (Gráfico 3) apontaram a espécie *Puma concolor*, conhecida como Onça vermelha ou Onça Parda por alguns moradores, como a espécie “que ataca a criação” identificando e afirmando ter visto a espécie em algum momento da vida, seja passando distante, no mato ou atacando “a criação”, denominação dada pelos moradores aos seus rebanhos de animais domésticos, sejam eles caprinos, ovinos ou bovinos.



Gráfico 3: Questão sobre a ocorrência da espécie *Puma concolor*

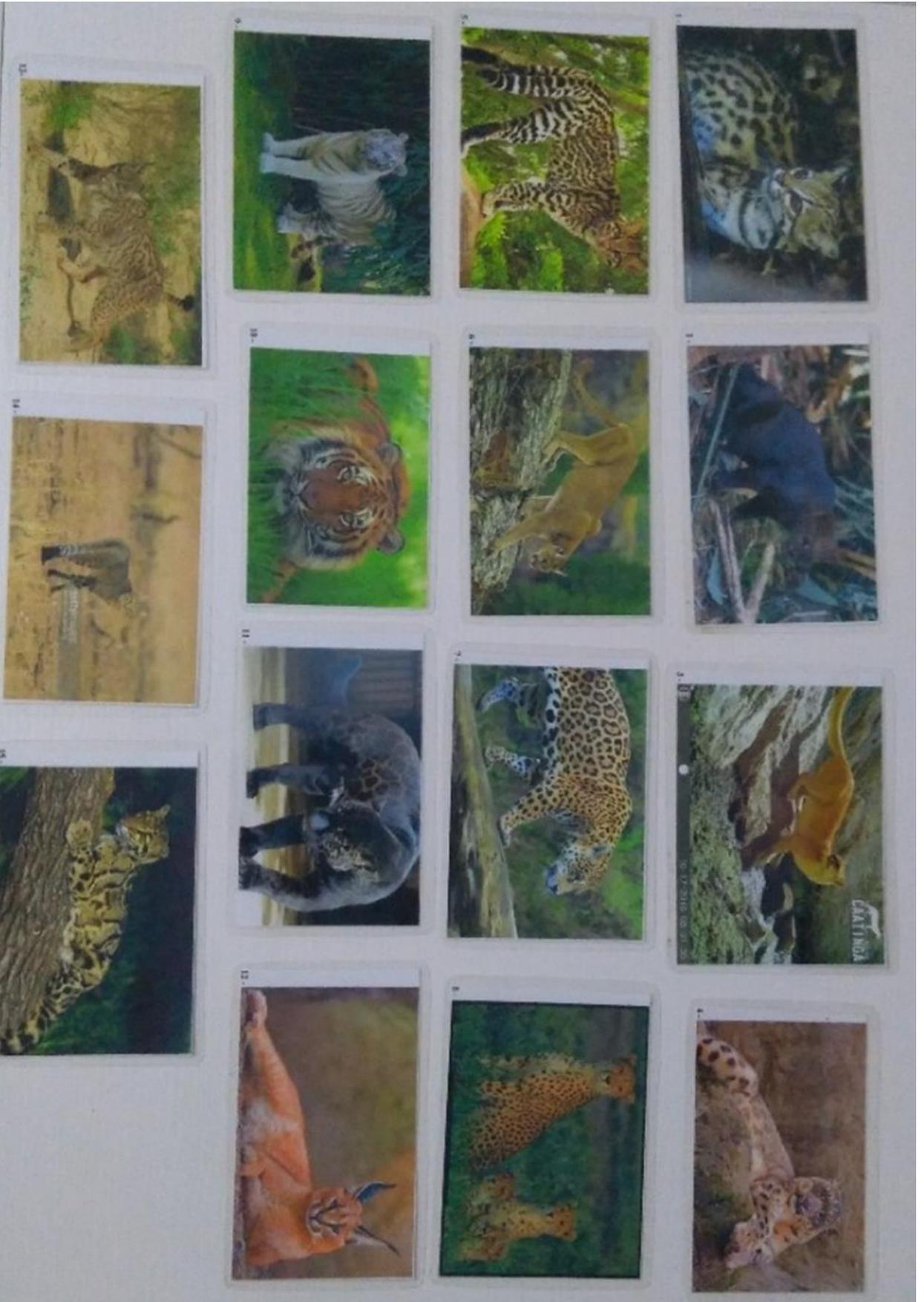


Figura 3: Catálogo de fotos utilizado para identificação das espécies

Por sua vez, 46,4% dos moradores afirmaram ter visto o que eles chamam de “rastros”, que podem ser, pegadas, ranhuras em árvores ou restos de animais predados (Figuras 4 e 5), identificando o animal no catálogo de fotos, porém afirmam nunca ter visto a espécie propriamente dita.



Figura 4: Suposta ranhura da Onça Parda encontrada na APA das Onças

Foto: Sr. Paulo Goncalves

De acordo com SILVEIRA (2004); ARUNDEL et al (2007) apud DE SOUZA BORGES (2017), a onça parda tem o hábito predatório predominantemente noturno, uma vez que durante esse período, a presa encontra – se mais vulnerável, facilitando assim a captura. Este fato tende a dificultar a visualização da espécie durante o ato, sendo mais comum a identificação apenas dos rastros deixados pelos animais.



Figura 5:Foto fornecida por um morador, de um suposto animal predado

Por sua vez, este mesmo autor encontrou resultados semelhantes aos da presente pesquisa, ao investigar ataques de *P. concolor* em rebanhos domésticos na Bahia, onde, 46,2% dos entrevistados relataram identificar a espécie predadora em função do seu hábito de cobrir as carcaças com galhos e folhas secas (ADANIA *et al*, 2005), bem como, pelo padrão de arranhões encontrados na carcaça do animal predado. Resultados semelhantes também foram encontrados por SCHULZ Et al. (2014) no Rio grande do Sul.

Em contrapartida, 32,1% dos moradores entrevistados afirmaram nunca terem visto nem o animal, nem o “rastro”, resultado este que pode ser justificado em função do receio dos moradores em falar sobre a espécie, pois, durante algumas entrevistas, os moradores sempre questionavam a respeito da fiscalização, mesmo após a explanação do objetivo da pesquisa, os entrevistados se mantinham receosos em falar sobre o animal em questão, externando sempre o temor de atrair a fiscalização, sendo os pesquisadores diversas vezes apontados como fiscais do Ibama disfarçados.

Tal resultado pode estar associado também a idade dos moradores, uma vez que 42% dos moradores possuíam menos de 50 anos, e apesar dos critérios utilizados

na metodologia, alguns foram indicadas como informantes e ao serem entrevistadas negaram ter tal conhecimento. Outro ponto relevante se dá em função da frequência da ocorrência da espécie, pois, de acordo com os entrevistados a Onça parda não é vista mais com frequência como a décadas atrás.

Fato este que pode estar diretamente associado ao elevado nível de antropização da área, bem como aos longos anos de seca que vem acometendo a região, causando um desequilíbrio ambiental, uma vez que os agricultores são obrigados a se desfazerem do seu rebanho doméstico, sendo obrigados a sair para caçar, competindo assim, diretamente com a Onça (HOFSTATTER; DE OLIVEIRA, 2016), que possui o hábito de consumir prioritariamente mamíferos de médio e pequeno porte, tais como Tatu, Quati, Tamanduá, Veado, entre outros (ROHOE, 2002) e possivelmente em função disto, ocasionando sua migração para outra região que tenha uma maior disponibilidade de alimento.

Apesar disso, durante as entrevistas e conversas informais, foi possível notar que houve algum tipo de fiscalização, mesmo que esporádica, por um determinado período na região, gerando um resultado positivo, na medida do possível, uma vez que foi perceptível que a população local reconhece que a prática da caça é uma atividade ilegal.

Ao serem questionados sobre rumores, onde, ouviu – se ou não falar da ocorrência da Onça Parda na região, 96,3% dos moradores afirmaram já terem ouvido falar a respeito da presença da espécie na APA, relatando que a aparição da espécie ocorria com relativa frequência, a décadas atrás e apenas 3,7% dos entrevistados afirmaram não ter conhecimento algum sobre a espécie, nunca ter visto nem ouvido falar da ocorrência da mesma no local.

Outra questão abordada, com relação aos últimos relatos de aparição da espécie, ao serem questionados sobre a última vez que ouviram falar da ocorrência da espécie na região, 28% dos entrevistados relataram terem ouvido rumores da presença do animal no local no período de janeiro de 2017, 20% ouviram falar do animal entre Junho e Dezembro de 2016, 16% por volta do ano de 2012 (5 anos) , 12% por volta de 2007 (10 anos), 8% por volta de 1997 (20 anos) e 16% não souberam informar ou se demonstraram indiferentes.

Tais informações possuem grande relevância, uma vez que a grande maioria dos entrevistados confirmam de já ouviram falar da ocorrência do animal, bem como os rumores de sua “aparicação” são bem variados, datando de décadas até meses atrás, demonstrando assim que o imagético da espécie permanece vivo naquele ambiente, apesar da ausência de evidências recentes, sua presença pode ocorrer de maneira esporádica.

Diante disto e analisando a área de vida do *Puma concolor*, considerou – se que esta pode variar dependendo da época do ano e do habitat, como relatado por CRAWSHAW; QUIGLEY (1984) em estudos feitos no pantanal com fêmeas Onça parda, onde, encontrou – se uma área de vida 60km² para uma subadulta e 155Km² para uma adulta e por CURRIER, 1983 *apud* ADANIA *et al*, 2005, na América do Norte, o resultado encontrado variou de 30 até mais de 100Km², pode –se analisar a possibilidade que a APA das Onças seja um local de passagem da espécie em questão, uma vez que os relatos dos moradores indicam a aparição da espécie em períodos diversos, desde 20 anos até 5 meses atrás.

De acordo com IcmBio (2013) o *Puma concolor* pode ser encontrado também no Parque Nacional do Catimbau (PE) que fica a cerca de 98km de distância da APA das Onças, e, considerando que a área de vida desta espécie pode chegar a mais de 100km de distância, os resultados dessa pesquisa sugerem que a APA das Onças pode fazer parte da área de vida da Onça Parda, justificando assim as variações na frequência da presença da espécie que foram encontrados nos resultados desta pesquisa.

Com relação a percepção dos moradores locais sobre a espécie estudada, foram feitas duas perguntas, uma sobre a opinião a respeito do animal (Gráfico 4): “Qual sua opinião sobre a onça? Positiva, negativa ou indiferente” e “Na sua opinião, a onça é um problema para as pessoas? ”

As perguntas foram feitas de maneira simples e direta, buscando sempre respeitar o conhecimento do entrevistado, com o intuito de não o constranger em momento algum, caso não soubesse ou não quisesse responder alguma questão.



Gráfico 4: Opinião da população sobre a onça

Durante a realização das entrevistas foi notório o receio das pessoas em falar sobre a espécie, sendo perceptível o temor das mesmas ao serem questionadas sobre a opinião a respeito do animal, fato este que talvez justifique o resultado encontrado, onde 50% dos entrevistados se mostraram indiferentes com relação ao animal, 28,6% afirmaram ter uma opinião negativa sobre a espécie, justificando que ela “é um bicho bonito, mas ataca a criação”, “dá muito prejuízo” e “não pega só um, geralmente sangra 3 ou mais animais”, contudo, 21,4% dos entrevistados afirmaram ter uma opinião positiva sobre a espécie, sendo relatado em alguns momentos que a mesma “faz parte do ecossistema” e “aqui é a casa dela, a gente tem que respeitar”.

Quando questionados sobre a onça ser ou não um problema para a população, os moradores continuaram receosos em opinar, portanto, 46,4% dos entrevistados se mostraram indiferentes com relação ao animal, 28,6 % afirmaram que o animal seria sim um problema, principalmente por causa dos ataques aos seus rebanhos e 25% dos entrevistados afirmaram que a onça não seria um problema, alguns justificaram o fato de não possuir “criação”, apontado como principal causador dos conflitos entre a população e a espécie estudada.

PALMEIRA E BARRELA (2007) encontraram resultados negativos relacionados aos felinos silvestres, uma vez que 100% dos entrevistados afirmaram sentir medo desses animais e 56% sugeriram que o extermínio dos animais seria a melhor forma de resolver este problema, outro ponto divergente se deu em função da

visão negativa independentemente do tipo de criação, tamanho e frequência de ataques.

Um dos principais fatores causadores de conflitos entre animais silvestres e a comunidade rural é a predação, pois em períodos de escassez de alimentos esses animais tendem a buscar alimento próximo a propriedades rurais, geralmente encontrando animais domésticos de produção, que comumente ficam soltos pela propriedade, facilitando o ato.

Com isso, 64,3% dos entrevistados afirmaram terem perdas de animais por predação, contudo, quando questionados sobre a frequência desses ataques 78,4% dos entrevistados afirmaram que apesar de sofrerem com o problema, tal acontecimento não ocorre com frequência, e apenas 24,6 % dos entrevistados afirmaram que o fato ocorre sim com frequência (Gráfico 5).

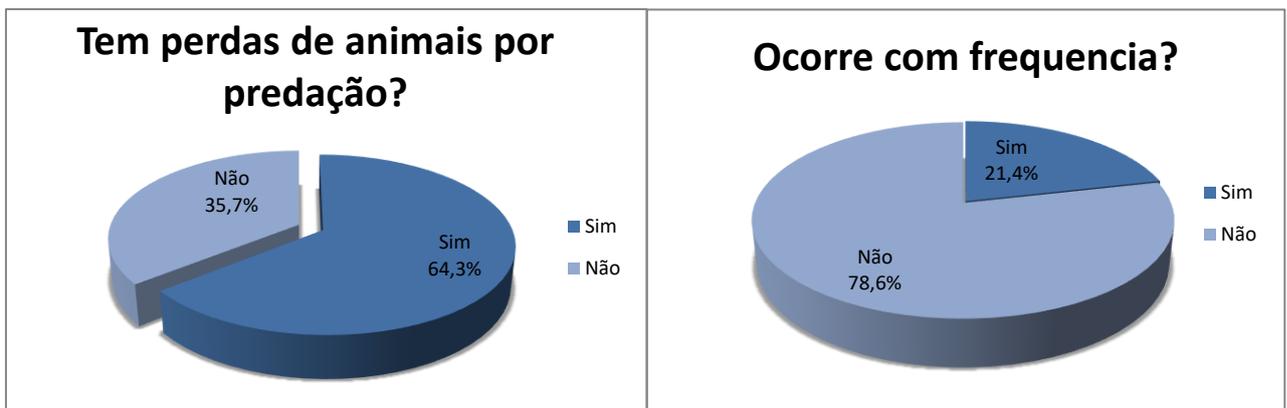


Gráfico 5: Questão sobre perdas por predação e frequência em que ocorre

Resultados semelhantes foram encontrados por PALMEIRA E BARRELA (2007), onde os ataques por onças foram relativamente pequenos, entretanto, por serem criações de tamanho reduzido qualquer perda já representa um prejuízo considerável na renda das famílias afetadas.

Como sugerido por OLI ET AL. (1994) e NOWELL & JACKSON (1996), quando as famílias possuem criações apenas para subsistência, os prejuízos causados são mais impactantes do que a produtores de grande escala.

MACEDO; BRANQUINHO & BERGALLO (2015) classificam as predações de animais domésticos como ocasionais e recorrentes, sendo: “Predações ocasionais, de maneira geral, ocorrem longe de habitações humanas, são espaçadas no tempo, não necessariamente envolvem uma mesma onça. Já as predações recorrentes, em geral, são causadas por um mesmo indivíduo (chamado de animal-problema) que cria o hábito de se alimentar de animais domésticos. Essas onças tendem a perder o medo de se aproximar de habitações humanas. Causam prejuízos consideráveis, já que as predações são frequentes, e as medidas para proteger a criação de ataques podem não ser eficazes” (p. 293).

Esses autores sugerem ainda, que os ataques podem ser evitados com medidas de manejo que mantenham a criação protegida.

Esses resultados podem estar relacionados ainda, com o tipo de animal causador da predação, pois ao serem questionados sobre os animais que praticavam tais atos, os moradores relataram diversas espécies como predadoras de rebanhos domésticos (Gráfico 6).

Entretanto, no questionário aplicado, a questão sobre os animais que praticavam a predação era livre, sem nenhum tipo de sugestão de animais, ficando a critério dos entrevistados a menção da espécie que mais praticava predação nos rebanhos locais, por sua vez, o animal que foi mais citado entre os moradores como principal predador atualmente das criações, foi o cachorro doméstico com 23,5% das respostas totais, seguido da Onça Parda, Raposa e Gato do Mato com 17,6%, seguido pelo Gato Vermelho, Jaguatirica e “Gato Açú” animal citado diversas vezes pelos moradores como espécie mais frequente na região “pegadora de galinha”, porém não identificado em nenhuma das fotos do catálogo, algumas vezes indicado como semelhante a Jaguatirica, demonstrando assim a necessidade de mais estudos específicos de levantamento de fauna na região.

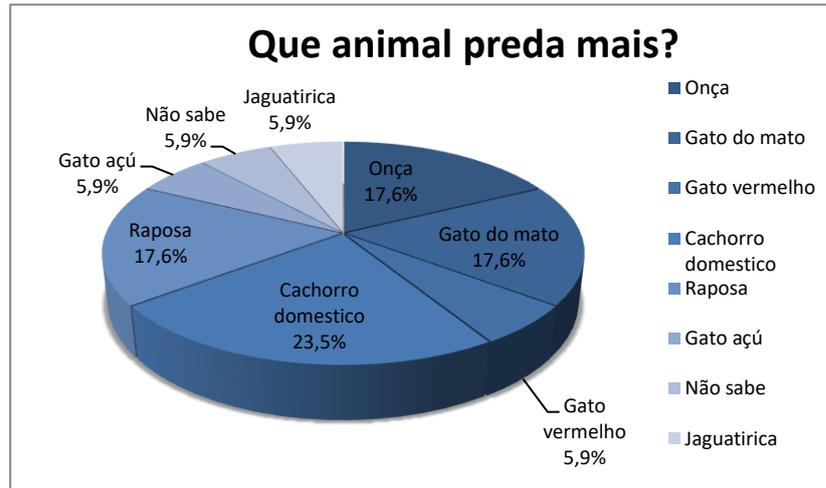


Gráfico 6: Questão sobre espécie que mais preda

Hughes e Macdonald (2013), indicaram que cães domésticos podem causar grandes impactos em espécies nativas, chegando a causar o declínio em determinadas populações como o Veado Puma nos Andes e Iguanas Marinhas nas ilhas Galápagos.

Ainda, de acordo com LESSA *et al* (2016) os cachorros domésticos tem sido um dos principais problemas nas áreas protegidas do Brasil, sendo apontado como grande impactante na fauna nativa de várias regiões do país, tais como: Cavernas do Peruacô, Amazônia, Chapada das Mesas, Chapada Diamantina, Chapada dos Guimarães, Serra da Capivara, Serra do Divisor, Serra do Itajaí, Serra Dos Órgãos, Emas, Semper Vivas, Boa Nova, Brasília, Ilha Grande, Picaás Novos, Saint-Hillaire / Lange, São Joaquim, Catimbau, Jaú, Juruena, Monte Pascoal, Pico da Neblina, Superagui, Lencóis Maranhenses, Itatiaia, Fernando de Noronha, Montanhas do Tumucumaque e Pau Brasil. Parques nacionais onde os cães não foram gravados são Chapada dos Veadeiros, Serra da Canastra e Serra da Cutia.

Dessa forma, considerando os resultados das pesquisas apresentadas acima, pode – se sugerir que os resultados da pesquisa em questão podem indicar uma certa relação na redução da ocorrência da onça parda na região em decorrência da constante presença de cães domésticos dentro da área de proteção ambiental das onças, no entanto, torna – se necessário a realização de estudos mais específicos para que este fato seja comprovado.

Aliado a isso, ao fazer um apanhado geral dos resultados obtidos a respeito da percepção sobre a Onça Parda, pode – se perceber que a presença da espécie faz

parte do imaginário coletivo dos moradores da região, sendo mais enfatizado pela população residente no interior da APA das Onças e menos evidente nos moradores da zona urbana, fato este que pode ser percebido durante conversas informais no decorrer das visitas ao município de São João do Tigre, onde, alguns moradores da zona urbana relataram que atualmente a ocorrência da espécie na região não é mais comum como em décadas atrás.

Além disso, a Onça Parda faz parte do folclore local, sendo contada por professores e poetas locais, como também por antigos moradores da APA.

4.3 Percepção ambiental dos Alunos

Foram entrevistados 22 alunos de duas escolas públicas local, sendo uma de ensino médio (N=9) e outra de ensino fundamental (N=13).

No total de entrevistados, 29,5% eram do sexo feminino e 20,5% do sexo masculino, com idades variando entre 13 e 21 anos. Destes, 42,9% faziam o segundo ano do ensino médio e 57,1% o nono ano do ensino fundamental, sendo, os alunos do ensino médio residentes da APA das Onças e os do ensino fundamental, residentes da cidade.

O questionário era composto por oito questões, destas, seis questões eram fechadas, com a opção sim ou não, e duas questões dissertativas, as quais foram elaboradas de maneira simples em linguagem acessível de maneira que não constrangesse o participante nem o eliminasse da pesquisa.

Ao serem questionados sobre a área de proteção ambiental das onças, 90,9 % dos participantes afirmaram saber o que significava, e apenas 9,1% respondeu negativamente. Resultado encontrado na escola de alunos que residem na cidade, contudo merece atenção, uma vez que a referida escola é uma escola de campo e já possui a disciplina de educação ambiental em seu currículo escolar, contudo, tal resultado pode ser considerado positivo, uma vez que, MARCZWSKI (2006), em sua pesquisa com 117 alunos participantes, 102 optaram por não responder à questão sobre unidades de conservação e apenas 15 responderam corretamente.

Do total de participantes 54,5% afirmaram que moram dentro da APA das Onças, 40,9% afirmaram que não e 4,5% não souberam responder. Nas demais

questões sobre saber o que é meio ambiente, preservação da APA e importância dos animais, todos (100%) responderam positivamente.

Durante a aplicação do questionário, pôde-se perceber também que alguns alunos não sabiam ao certo se moravam dentro ou fora da APA, uma vez que a área representa cerca de 50% do município, abrangendo grande parte da extensão rural do município, mas não toda, o que possivelmente venha a confundir a população, tornando necessário um trabalho maior de divulgação dessa área e da sua real importância.

Apesar de não existir registro oficial da ocorrência da ocorrência da Onças Parda na área, os relatos sobre a espécie são comuns entre os habitantes da região, em função disto foi incluída uma questão específica sobre o assunto, onde os participantes foram questionados sobre saber ou não da ocorrência da Onça Parda (*Puma concolor*) na APA, assim, 95,5% afirmaram que sim, já ouviram falar da presença da espécie no local e apenas 4,5%. NUNES (2011) encontrou resultados semelhantes aos da presente pesquisa, onde, a espécie foi citada em localidades inéditas (Cajazeiras, Mataraca, Maturéia, São João do Cariri e São José dos Cordeiros na Paraíba e São Caitano e Serra Talhada em Pernambuco), demonstrando assim a necessidade de mais estudos direcionados a esta espécie, uma vez que, seus registros existem apenas por relatos de moradores das regiões pesquisadas.

Na questão aberta, as respostas foram analisadas individualmente e destacadas as de maior relevância (Tabela 1), onde, perguntou-se: “Você acha os animais importantes? Porque? ” No entanto, a maioria (N=13) dos participantes optaram por não responder à questão destacada.

Tabela 1: Respostas dos alunos sobre a importância dos animais

Série	Idade	Resposta
9º	15 anos	“Porque estão em extinção”
9º	13 anos	“Porque sem eles não haveria ciclo da vida”
2º	15 anos	“Eles fazem parte da natureza”
2º	16 anos	“Eles são os únicos que vivem no meio ambiente”
2º	20 anos	“Eles são os principais moradores do meio ambiente”
2º	19 anos	“Porque eles respiram o mesmo oxigênio que nós”
2º	16 anos	“Porque eles são importantes para a natureza”

Diante dos resultados encontrados para esta questão pode-se perceber que apesar da diferença de idades e de série, as respostas apresentadas pelos participantes foram semelhantes, demonstrando uma certa tendência a não se considerar como parte integrante do meio ambiente, corroborando com os resultados encontrados por TELES & SILVA (2012) em um trabalho realizado com crianças de escolas de ensino fundamental I e II e por MARCZWSKI (2006), onde 46,14% dos participantes demonstraram uma forte tendência a associar o meio ambiente apenas aos recursos naturais e 34,87% apenas à elementos da natureza, resultados que demonstram ainda mais a importância de uma educação ambiental efetiva nas escolas, auxiliando nas estratégias de preservação ambiental, uma vez que a educação de base é de suma importância na promoção da preocupação ambiental e consequentemente na proteção deste. Com relação aos animais que ocorrem na região, as respostas foram variadas, contudo, as espécies mais citadas foram basicamente as mesmas nas duas escolas a Onça Parda, Tatu e Cobra, como demonstrado nos gráficos 7 e 8.

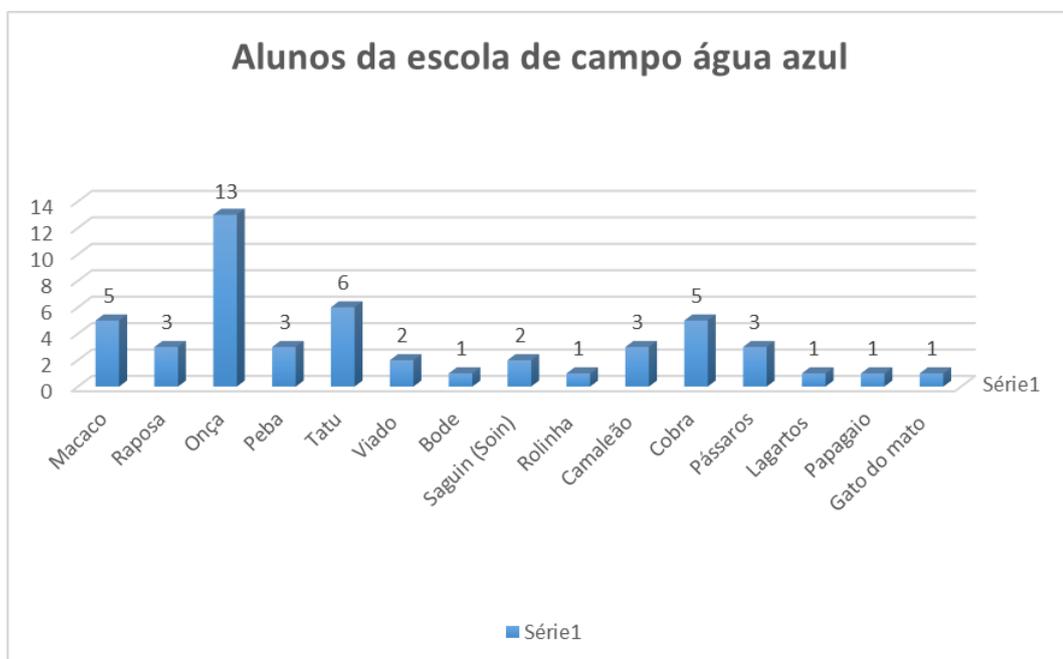


Gráfico 7: Questão sobre as espécies presentes na APA – Alunos do Ensino Fundamental

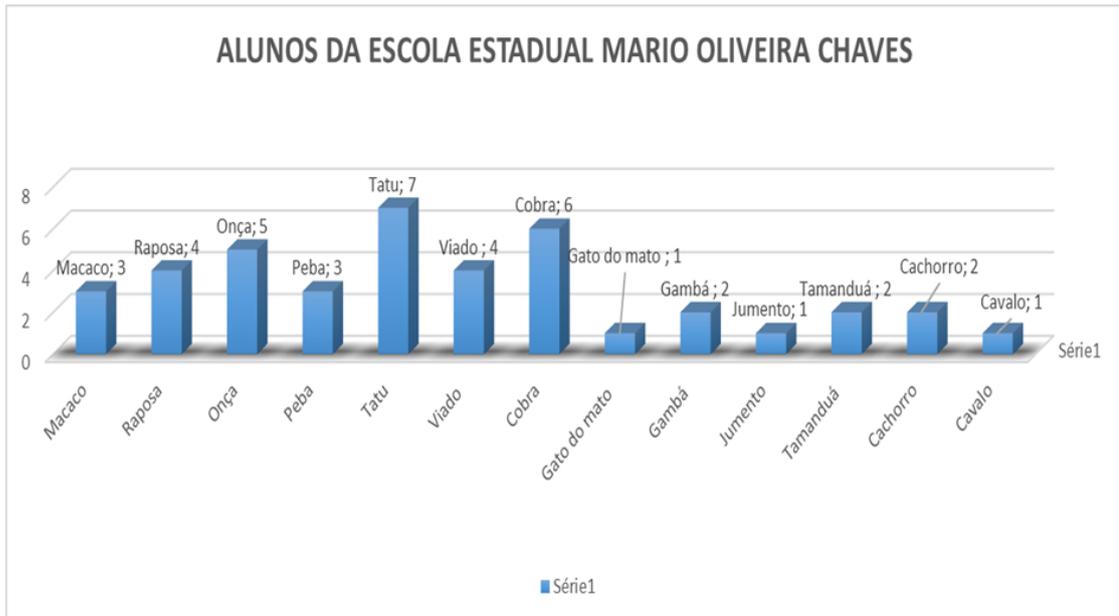


Gráfico 8: Espécies citadas pelos alunos do Ensino Médio, como presentes na APA.

Apesar dos estudos direcionados a fauna nessa região serem consideravelmente escassos, os animais mencionados pelos alunos são comumente citados na literatura como espécies encontradas no bioma caatinga (SILVA et al. 2004).

Esse conhecimento pode estar atrelado à prática da caça realizada pelos adultos, que apesar da existência de uma área de proteção ambiental no local, tal atividade ainda persiste como tradição, tanto por parte dos moradores locais como das regiões circunvizinhas que se deslocam até a área para praticar a caça predatória.

Nesse contexto, a partir de informações acerca dos mamíferos, foram estabelecidas áreas prioritárias para conservação selecionadas a partir da sua riqueza de espécies, assim como, áreas que possuem relevante interesse ecológico, porem com dados de fauna insuficientes.

As áreas foram divididas de acordo com sua região, estando o município de São João Tigre inserido na área “Centro de Pernambuco” pertencendo ao mesmo grupo os municípios: Águas Belas (PE), Alagoinha(PE), Arcoverde(PE), Buíque(PE), Caetés(PE), Custódia(PE), Iati(PE), Ibimirim(PE), Paratama(PE), Pesqueira(PE), Pedra(PE), Saloá(PE), São Sebastião do Umbuzeiro(PB), Sertânia(PE) e Tupanatinga(PE) (SILVA et al. 2004), destacando assim, a necessidade da realização

de pesquisas científicas de levantamento faunístico, com o intuito de efetivar um trabalho de preservação da fauna e auxiliar a compreender as mudanças e ocorrem no bioma Caatinga.

4.4 Análise e caracterização da dinâmica de funcionamento da APA das Onças

Com intuito de elucidar todas as questões referentes a Área de Proteção Ambiental das Onças, foi entregue um questionário para uma funcionária do órgão gestor, para que o mesmo fosse respondido e posteriormente devolvido, todos os funcionários do órgão se mostraram prestativos em ajudar no desenvolvimento da pesquisa, e se dispuseram a participar, contudo, apenas uma funcionária foi designada para responder as questões propostas, sob a justificativa da mesma ter sido a única que acompanhou todo o processo de criação e implantação da APA.

A funcionária indicada se dispôs a participar de bom grado, bem como assinar a termo de consentimento livre e esclarecido, autorizado pelo comitê de ética da Universidade Federal da Paraíba.

O questionário era composto por perguntas 12 perguntas discursivas e objetivas (Tabela 2), com questões relativas a implantação e gestão da APA das onças.

Tabela 2: Perguntas objetivas do questionário entregue a funcionária SUDEMA-PB

Perguntas	Sim	Não
A APA possui plano de manejo?		X
Possui conselho gestor?	Desativado	
Administrador ou responsável técnico?	X	
Existem Ong's ou outra instituição atuando no local?	X	
A fiscalização é feita com frequência?		X

O setor responsável pela gestão da APA é a Coordenadoria de Estudos Ambientais, o qual possui como responsável técnica uma bióloga, Doutora em Ecologia, funcionária do órgão desde 2015, justificando, portanto, o fato desta não ter tido embasamento suficiente para participar da pesquisa, repassando para outra técnica do órgão.

Na primeira questão sobre a criação da APA, a resposta obtida foi basicamente o conteúdo do decreto de criação, enfatizando que a implantação da APA se deu com o intuito de proteger a vegetação remanescente, os recursos hídricos, os sítios arqueológicos, conservação do habitat das espécies da fauna silvestre e incentivar o turismo ecológico e a educação ambiental. Como descrito também no relatório do Cadastro Nacional de Unidades de conservação (CNUC) (Figura 6).

No entanto, sobre a existência do conselho gestor, ao contrário do informado no relatório do CNUC, e de acordo com o órgão gestor, este encontra – se desativado, porém, reconhecendo sua importância para a gestão da área e informando que órgão pretende reativa-lo em breve.

A existência de um conselho gestor pode ser considerada um fator de suma importância para a efetividade e uma APA, uma vez que pode funcionar como fórum de debates, no qual os conflitos existentes sejam elucidados e equacionados (DAS GRAÇAS VIEIRA, 2014) e se possível solucionados.

Relatório Parametrizado - Unidade de Conservação

Data: 20/03/2018 17:34

Total de Registros encontrados: 1

Filtros utilizados:

Nome da UC: area de proteção ambiental das Onças

Esfera administrativa: Estadual

UF: PB

Município: São João do Tigre

Categoria manejo: Área de Proteção Ambiental

Região: Nordeste

Unidade de Conservação: ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DAS ONÇAS	
Código UNEP-WCMC (World Conservation Monitoring Centre)	352114
Código UC	0000.25.0485
Nome do Órgão Gestor	Superintendência de Administração do Meio Ambiente da Paraíba
Esfera Administrativa	Estadual
Categoria de Manejo	Área de Proteção Ambiental
Categoria IUCN (União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais)	Category V
Bioma declarado	Caatinga
Objetivos da UC	Garantir a conservação da vegetação remanescente da Caatinga arbustiva-arbórea, Mata do Agreste e dos recursos hídricos da região e garantir a conservação do vale do riacho Santa Maria e a beleza cênica formada pelo complexo das Serras do Pesa, da Paula, do Tabaqueiro, da Roncadeira, da Conceição, das Porteiras, da Moça e da Serraria. Garantir a preservação dos sítios arqueológicos existentes nas localidades de Pintura, Cacimbinha, Sítio Boqueirão, Sítio Cascavel e Pedras dos Flamingos. Proteger e garantir a conservação do habitat da onça parda (<i>Felis concolor</i> sp) e do veado-campeiro (<i>Ozotocerus bezoarticus</i> sp), espécies ameaçadas de extinção, entre outras que ocorrem na região. Incentivar a educação ambiental, o turismo ecológico, a pesquisa e os estudos para valorizar econômica e socialmente a diversidade biológica da região, mantendo as tradições do patrimônio cultural da comunidade. Disciplinar o processo de ocupação, garantindo a sustentabilidade do uso dos recursos naturais e melhoria da qualidade de vida da população local
Informações Complementares	
Municípios Abrangidos	São João do Tigre (PB)
Conselho Gestor	Sim
Plano de Manejo	Não
Outros Instrumentos de Planejamento e Gestão	Não
Qualidade dos dados georreferenciados	Aproximado (O polígono representa uma estimativa dos limites da unidade).
Em conformidade com o SNUC	Sim
Data da última certificação dos dados pelo Órgão Gestor	09/11/2012
Estados Abrangidos	PB

Contato:

<http://sistemas.mma.gov.br/cnuc/index.php?ido=relatorioparametrizado.exibeRelatorio>

1/4

Figura 6: Relatório emitido pelo CNUC, 2018

Além disso, a presença de um conselho gestor está diretamente relacionada com a elaboração do plano de manejo, como descrito no Artigo 20º do SNUC:

“Art. 20. Compete ao conselho de unidade de conservação:

I - elaborar o seu regimento interno, no prazo de noventa dias, contados da sua instalação;

II - acompanhar a elaboração, implementação e revisão do Plano de Manejo da unidade de conservação, quando couber, garantindo o seu caráter participativo. ”

Assim o estabelecimento de um Conselho Gestor eficaz e capacitado, se faz necessário para que o plano de manejo seja elaborado de maneira adequada e brevemente, de maneira que APA das Onças possa começar a cumprir seu papel com efetividade.

Ainda, de acordo com o CNUC (2018), existem 5 áreas de proteção ambiental no estado da Paraíba, são elas: Área de Proteção Ambiental (APA) Barra do Rio Mamanguape, APA das Onças, APA de Tambaba, APA do Cariri e APA do Roncador. Apenas a APA da Barra do Rio Mamanguape encontra – se sob gestão administrativa federal, dentre estas, apenas duas possuem registro de conselho de gestor e nenhuma das áreas possui plano de manejo registrado no CNUC.

Com relação ao plano de manejo não houve explicação para inexistência do mesmo, resultado que não difere da realidade das demais APA's do país, sendo um dos principais gargalos desse tipo de UC, segundo o Sistema nacional de unidades de conservação o plano de manejo é definido no Art. 2º como:

“Art. 2. Disposições gerais:

Plano de Manejo: Documento técnico mediante o qual, com fundamento nos objetivos gerais de uma unidade de conservação, se estabelece o seu zoneamento e as normas que devem presidir o uso da área e o manejo dos recursos naturais, inclusive

a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da unidade. ”

O que demonstra a demasiada importância desse documento para efetividade da gestão da área, como também se contrapõem as exigências definidas também pelo SNUC, respectivamente o Art. 27:

“Art. 27. As unidades de conservação devem dispor de um Plano de Manejo. (Regulamento)

§ 1º O Plano de Manejo deve abranger a área da unidade de conservação, sua zona de amortecimento e os corredores ecológicos, incluindo medidas com o fim de promover sua integração à vida econômica e social das comunidades vizinhas.

§ 2º Na elaboração, atualização e implementação do Plano de Manejo das Reservas Extrativistas, das Reservas de Desenvolvimento Sustentável, das Áreas de Proteção Ambiental e, quando couber, das Florestas Nacionais e das Áreas de Relevante Interesse Ecológico, será assegurada a ampla participação da população residente.

§ 3º O Plano de Manejo de uma unidade de conservação deve ser elaborado no prazo de cinco anos a partir da data de sua criação. ”

Por sua vez, essa situação engloba a grande maioria das áreas protegidas no Brasil, outro ponto comum que afeta a gestão dessas áreas é a dificuldade relacionada a recursos humanos capacitados, recursos financeiros, infraestrutura e equipamentos adequados (DAS GRAÇAS VIEIRA *et al*, 2014).

Além disso o plano de manejo é um documento que deve ser feito considerando a realidade local, e deve ser constantemente atualizado, a partir de um ciclo de consulta contínua (DAS GRAÇAS VIEIRA *et al*, 2014).

Resultado semelhante foi encontrado por MENEZES E MONTEIRO (2013) APA Fazendinha no Macapá, constatando que a mesma não possui plano de manejo nem conselho gestor.

Com relação a questão sobre a população local ter sido ou não informada a respeito da criação da APA, a funcionária informou não saber se a população foi informada, mas acredita que a maioria sabe da existência da área, contudo, não sabe ao certo se sabem o que isto significa. Resultado que corrobora com as respostas obtidas nas entrevistas feitas na presente pesquisa, com os moradores da APA, uma vez que a maioria (75% dos entrevistados) afirmou não ter sido informado sobre a criação da área e 25% afirmaram que foram informados através de uma reunião que houve no município de São João do Tigre.

Resultados semelhantes foram encontrados por DE OLIVEIRA (2017) na APA Mestre Álvaro no Espírito Santo, onde, concluiu – se que grande parte da população não reconhece a importância da área, confirmam a existência de conflitos como a caça predatória, bem como o não cumprimento da função socioambiental.

Dessa forma, nota-se que apesar dos esforços do órgão gestor, grande parte da população da área não foi informada a respeito da implantação da APA, possivelmente em função do seu tamanho e da distância entre as comunidades dificultando a disseminação da informação.

SIQUEIRA (2006) identificou o mesmo problema na implantação do Parque Nacional do Catimbau em Pernambuco, onde a maioria da população local não foi informada pela falta de convite ou por não terem tomado conhecimento da realização da consulta popular.

Por sua vez, tal problema pode ser amenizado através da realização de trabalhos de divulgação e educação ambiental tanto na APA das Onças como nas demais Unidades de conservação do país, além disso a realização de parceria com a

prefeitura local para divulgação APA, facilitaria todo o processo educacional e informativo.

Lima (2001) ressalta ainda, que, quando a população participa da criação de uma unidade de conservação, ela se torna aliada na preservação daquele ambiente.

Facilitando assim o processo de implantação e adequação da comunidade às novas regras de manejo que devem ser seguidas para preservação daquele habitat.

Na questão sobre a ocorrência de fiscalização a resposta obtida foi que não ocorre fiscalização na área, apenas em casos de denúncias ou solicitação feita junto a Coordenadoria de Estudos ambientais.

Fato preocupante, uma vez que ao caminhar pela mata da APA facilmente é possível encontrar “tocaiais” (locais em que os caçadores se escondem para praticar a caça predatória) feitas por caçadores (Figura 7, 8 e 9), ou seja, aliado à um trabalho de educação ambiental, se faz necessária a ocorrência de fiscalizações de rotina na região, para que essa prática seja inibida ou pelo menos reduzida.



Figura 7: Toca do caçador em Serra de Moça- APA das Onças
Foto: Arnaldo Vitorino



Figura 9: Suporte do caçador em Serra de Moça - APA das Onças



Figura 8: Suporte do caçador em Serra de Moça- APA das Onças

GUEDES (2013) ao abordar moradores do entorno do Parque Estadual do Rio Doce (PERD), constatou que 60% daquela população reconhece a existência da caça no local, apesar de que, como ocorrido na presente pesquisa, foi notório o receio dos moradores em falar sobre o assunto abordado. Resultado semelhante, também foi encontrado por COELHO (2009) apud GUEDES (2013), no assentamento Chico Mendes II, localizado vizinho ao PERD, onde a maioria dos entrevistados também confirmou acreditar na ocorrência de caça na região.

Por sua vez, na questão que fala sobre os principais problemas enfrentados pelo órgão gestor, a resposta obtida foi justificada parcialmente na questão anterior, uma vez que, os problemas citados foram, a falta de recursos financeiros e humanos para trabalhar na APA, como também a falta de recursos orçamentários para promover uma gestão ativa e ações na referida área.

MENEZES E MONTEIRO (2013), entrevistando técnicos e gestores da APA Fazendinha no estado Macapá, sobre a ocorrência de fiscalização no local, obteve

100% das respostas negativas para esse quesito, sendo justificado a ausência de um plano de fiscalização, sendo relatado também as dificuldades logísticas e recursos humanos reduzidos, dificultando assim a realização do trabalho na APA Fazendinha.

A respeito da Onça parda, principal foco do estudo em questão, foi informado que a espécie foi um dos motivos para a implantação da área de proteção, apesar do órgão não possuir comprovação física da ocorrência dessa espécie na área, apenas uma foto de uma suposta pegada (Figura 10) , levou – se em consideração principalmente as informações concebidas pela população local, as quais afirmam que há cerca de 20 anos atrás a presença desta espécie se dava em abundância, porem atualmente a mesma não costuma ser vista com tanta frequência, possivelmente em função da caça predatória que ocorre na região aliado aos vários anos de seca recorrente na região.

Necessitando assim de mais estudos específicos relacionados a fauna, para confirmação da ocorrência da espécie citada na área estudada.



Figura 10: Pegada de Onça Parda
Fonte: Rogério Ferreira

Apesar das dificuldades relatadas pela gestão da APA das Onças, ainda é possível encontrar algumas placas de sinalização no interior da área, algumas em estado precário, como a placa de entrada ao lado do município de Poção – PE, a qual

possui inclusive marcas de tiros, como também a placa de entrada da Serra do Paulo, considerado um dos principais pontos turísticos da APA (Figura 11 e 12).



Figura 11: Placa na entrada da APA por Poção-PE



Figura 12: Entrada da Serra do Paulo

No entanto, ainda é possível encontrar placas bem conservadas como a placa de “Proibido caçar e passarinhar” “ Bosque das Caibeiras” (Figuras 13 e 14) entre outras.



Figura 13: Placa "Proibido Caçar e Passarinhar"



Figura 14: Placa "Bosque das Caibeiras "

Por sua vez outro ponto que chama atenção para esse quesito, se dá em função da ausência de consulta popular ao elaborar as placas, uma vez que, de acordo com residentes locais as placas foram escritas de maneira incorreta, de modo que não refletem as denominações reais de alguns locais, como exemplo a “Pedra do Flamingo” (Figura 15) que de acordo com o guia local o correto seria “Pedra do Flamengo, pois ainda de acordo com ele, a pedra teria o formato do símbolo do flamengo.



Figura 15: Placa da "Pedra do Flamingo"

Outra questão qualificada como positiva é a presença de placas elaboradas pelos próprios moradores (Figura 16), alertando sobre a proibição da caça no local. Durante as visitas foi possível observar placas em diversas propriedades dentro da APA, fato que demonstra que apesar de não haver trabalhos de educação ambiental na região, pelo menos uma pequena parcela da população já tem consciência da ilegalidade da prática da caça predatória.



Figura 16: Placa "Proibido caçar" - Serra do Paulo

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados apresentados, conclui – se que apesar dos esforços do órgão gestor, grande parte dos entrevistados não foram informados da implantação da APA das Onças, como também não tem conhecimento da importância e do objetivo da área, demonstrando assim a necessidade de uma gestão efetiva aliada a um trabalho recorrente de educação ambiental.

Em relação a Onça Parda (*Puma concolor*), pôde – se perceber que a maioria (67,8%) dos entrevistados afirmaram já terem visto o animal propriamente dito ou seu “rastros” na área estudada, além disso 95,5% destes, afirmaram já ter ouvido falar da presença da espécie na região, no entanto apesar da confirmação pela população local, se faz necessário o desenvolvimento de estudos específicos de levantamento de fauna, para comprovar cientificamente a ocorrência da espécie na região, uma vez que apesar de ter sido identificada pela foto, existem subespécies da espécie *puma concolor*, sendo sugerido por alguns autores que a espécie que comumente ocorre no nordeste do Brasil, seja o *Puma concolor capricorniensis*, portanto sugere – se o desenvolvimento de estudos específicos para tal identificação.

Além disso, o órgão gestor também reconhece a presença do animal no local, contudo, afirma não possuir comprovação científica da ocorrência da espécie na região, apenas registro fotográfico da pegada do animal (disponível no apêndice) e relatos de antigos funcionários do órgão.

Com isso percebe – se que a área de proteção ambiental das onças não difere da realidade das demais APA's do país, uma vez que, diversos estudos identificaram os mesmos problemas de gestão nas demais APA's estudadas em todo território nacional, sendo sugerido que tal estratégia seja revisada de maneira que aliado a sua criação, seja obrigatoriamente aplicado uma reserva orçamentária para sua manutenção, como também seja feito um planejamento estratégico da inclusão da educação ambiental nessas áreas.

Referências

- ADANIA, C. H. SILVA, J.C.R., HASHIMOTO,C.Y., SANTOS, E.F. Studbook dos grandes felinos brasileiros: registro genealógico da onça pintada (*Panthera onça*) e suçuarana (*Puma concolor*) em cativeiro. **Jundiá: Livraria e Editora Conceito**, 2005.
- BEIER, P. (1996), Metapopulation models, tenacious tracking, and cougar conservation. Pp. 293 – 323 em: *Metapopulations and Wildlife Conservation* (ed. McCullough DR), Islands Press, Washington DC. In: CASTILHO, Camila Schlieper de. *Genética e conservação do leão-baio (Puma concolor) no sul do Brasil*. Porto Alegre, 2010.
- BENSUSAN, Nutrit. *Conservação da Biodiversidade em Áreas protegidas/ Nutrit Bensusan – reimpressão – Rio de Janeiro: Editora FGV*, 2006. 176p
- BILSKI, Diego Roberto. **Dieta de Puma concolor (Linnaeus, 1771) na região dos Campos Gerais, Paraná, Brasil**. 2007. Monografia (Graduação), Universidade Federal do Paraná, 2007.
- BORGES, Utaiguara da Nóbrega. **Proposta de representação gráfica de dados da geodiversidade utilizando cartografia temática e tecnologias da geoinformação**. Recife: UFPE, 2013. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Geociências, Universidade Federal de Pernambuco 2013.
- BOSA, Cláudia Regina; DA COSTA, Ana Lucia. Panorama das atividades de Educação Ambiental em Unidades de Conservação: uma revisão sistemática em meta-análise. **Revista Monografias Ambientais**, v. 13, n. 4, p. 3610-3622, 2014. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br> > Acesso em 03/10/2017
- BUSS, G., Romanowski, H. P., & BECKER, F. G. (2015). O bugio que habita a mata e a mente dos moradores de Itapuã-Uma análise de percepção ambiental no entorno do Parque Estadual de Itapuã, Viamão, RS. **Revista Biociências**, 21(2), 14-28.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Educação ambiental em unidades de conservação: 2016 ações voltadas para comunidades escolares no contexto da gestão pública da biodiversidade**. Guia Informativo, Orientador e Inspirador Brasília,

2016. 66 p. Disponível em: <
<http://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/biblioteca/educacao-ambiental-em-uc.html>> Acesso em 03/10/2017

BRANDON, Katrina et al. Conservação brasileira: desafios e oportunidades. **Megadiversidade**, v. 1, n. 1, p. 7-13, 2005.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. SNUC – **Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza**: Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000; Brasília: MMA, 2011. 76 p.

CASTILHO, Camila Schlieper de. **Genética e conservação do leão-baio (Puma concolor) no sul do Brasil**. Porto Alegre, 2010. Tese (Doutorado), Programa de Pós Graduação em Genética e Biologia Molecular, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

CUNHA, Antônio Henrique Martins Carneiro da. **APA das Onças: Gestão do Território e desafios para Conservação de Ecossistemas**. João Pessoa: UFPB, 2011. Monografia (Graduação) – Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, 2012.

CNUC, 2017. Cadastro Nacional de Unidades de Conservação. Disponível em: <http://sistemas.mma.gov.br/cnuc> Acesso em: 15/09/2017

CPRM - Serviço Geológico do Brasil Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. 2005. *Diagnóstico do município de São João do Tigre, Estado da Paraíba*. Organizado [por] Mascarenhas, J.C.; Beltrão, B.A.; Souza-Junior, L.C.; Morais, F.; Mendes, V.A.; Miranda, J.L.F. Recife: CPRM/PRODEEM.

DAS GRAÇAS VIEIRA, M., de Moura Almeida, F. M., & da Costa, J. (2014). Gestão de unidades de conservação: um estudo de caso na área de proteção ambiental da Serra do Baturité (CE). **Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais**, 5(1), 66-94

DE AZEVEDO, Fernanda Cavalcanti et al. Avaliação do risco de extinção da onça-parda *Puma concolor* (Linnaeus, 1771) no Brasil. **Biodiversidade Brasileira**, n. 1, p. 107-121, 2013.

DE ASSIS, André Tomé et al. A comunidade tradicional de Quartel do Indaiá: vivências e percepções no espaço rural de Diamantina/MG. **Sankofa (São Paulo)**, v. 9, n. 18, p. 102-120, 2017.

DE ANDRADE, M. P., & Santo Iadanza, E. D. E. (2016). UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E DESAFIOS. **Revista de Extensão e Estudos Rurais**, 5(1).jan./jun. 2016

DE MELO, José Iranildo Miranda; DA SILVA, Fernanda Kelly Gomes; RIBEIRO, Maria Betânia. Boraginaceae Senu Lato da Área de Proteção Ambiental (Apa) das Onças, São João do Tigre, Paraíba. **Revista de Biologia e Farmácia**, v.5, n1. 2011. Disponível em: <http://sites.uepb.edu.br/biofar/download/v5n1-2011/Boraginaceae_APA_das_Oncas_PB_16-12.pdf>

DE OLIVEIRA, Carolina Schuchter; LIMA, Sara Regina Cezário. Investigando a Percepção Ambiental dos Moradores do Entorno da Área de Proteção Ambiental Mestre Álvaro. **Anais do Encontro Estadual de Política e Administração da Educação-Anpae/ES**, n. 2, 2017.

DE SOUZA BORGES, L., NETO, E. M. C., FITA, D. S., DEL VALE ALVAREZ, M. R., & LOSS, A. T. G. (2017) Quando o predador se torna presa: conflito entre fazendeiros e a onça-parda (*Puma concolor*, LINNAEUS, 1771) no Nordeste do Brasil **Ethnoscientia** v.2. 2017. DOI: 10.22276/ethnoscientia.v2i1.54

DIEGUES, Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo. Editora Hucitec. 1996

GARCIA, D. L. R. ; KOPP, K.; GODOI, E. L. Percepção Ambiental Como Avaliação Da Efetividade Da Apa Dos Pireneus – GOIÁS REEC – **Revista Eletrônica de Engenharia Civil** Vol.10 - nº 1 (2015)

GUEDES, Fernanda Aires Ferreira et al. Percepção ambiental dos moradores de São José do Goiaibal sobre o parque estadual do Rio Doce: A influência das variáveis gênero, idade, classe social e escolaridade. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 8, n. 1, p. 51-61, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.)

HOFSTATTER, Lakshmi Juliane Vallim; DE OLIVEIRA, Haydée Torres. A tradição e a atenção nos casos de onça: uma perspectiva da educação ambiental para uma melhor compreensão dos conflitos entre humanos e onças Tradition and attention in the jaguar stories: a perspective in environmental education for broad understanding of human and jaguar conflicts. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 33, n. 3, p. 125-143, 2016.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). 2017. *Cidades*: São João do Tigre. - <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.html>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2017

ICMBio: **Sumário Executivo do Plano de Ação Nacional para a Conservação da Onça-Parda** Disponível em : <<http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/lista-planos-de-acao-nacionais>> Acesso em : 01 de fevereiro de 2017

OLIVEIRA, T. M. V de. Amostragem não probabilística: adequação de situações para uso e limitações de amostras por conveniência, julgamento e quotas. **Administração on line**, v. 2, n. 3, p. 1-16, 2001.

ROCHA, C.F.D. da; BERGALLO, H.G. de; ALVES, M.A.S. dos; SLUYS, M.V. A biodiversidade nos grandes remanescentes florestais do Estado do Rio de Janeiro e nas restingas da Mata Atlântica. São Carlos: RiMa Ed., 2003. 134 p

RÖHE, F. Hábitos alimentares de suçuarana (*Puma concolor*)(Linnaeus 1771) em Mosaico de Floresta Secundária e reflorestamento de *Eucalyptus saligna*. **Mata Atlântica, no Município de Pilar do Sul–SP**, 2002.

SANTOS, J. E. dos; PIRES, J.S.R. (eds.) **Estudos integrados em ecossistemas: Estação Ecológica de Jataí**. v.1. São Carlos: Rima, 2000.

SILVA, Emmanuel Arantes Lima; DE SOUZA, Bartolomeu Israel. APA DAS ONÇAS: ANÁLISE SOCIOJURÍDICA DAS PROBLEMÁTICAS AMBIENTAIS E SUAS POSSÍVEIS RESOLUÇÕES. **XI CONGRESSO NACIONAL DE MEIO AMBIENTE DE POÇOS DE CALDAS. 2014.**

SILVA, Gilda Acioli da. **Unidades de conservação como política de proteção à biodiversidade: uma caracterização perceptiva de grupos sócio-culturais do**

entorno da APA do Catolé e Fernão Velho, estado de Alagoas / Gilda Acioli da Silva. – Maceió, 2006. xvii, 143f. : il., grafs., tabs.

SIQUEIRA, G. R. Avaliação da implementação do Parque Nacional do Catimbau–PE: Uma análise do desenvolvimento sustentável na perspectiva do ecoturismo e da comunidade local. **Recife, Universidade Federal de Pernambuco, CFCH Geografia**, 2006.

SUDEMA. **Zoneamento Ecológico-econômico da Microrregião do cariri ocidental – Paraíba Vulnerabilidade ambiental**. 2005.

SCHULZ, Francine; PRINTES, Rodrigo C.; OLIVEIRA, Larissa R. Depredation of domestic herds by pumas based on farmer's information in Southern Brazil. **Journal of ethnobiology and ethnomedicine**, v. 10, n. 1, p. 73, 2014.

JÚNIOR, J. A. C., de Oliveira, F. M., Gomes, P. I. J., Leite, P. D. P., Batista, S. P., & Campos, E. R. T. (2017). O Processo Brasileiro de Criação, Implantação e Manejo de Unidades de Conservação Ambiental: O Caso do Parque Estadual da Lapa Grande, em Montes Claros–Mg. **Revista Desenvolvimento Social**, 1(18), 12. (ISSN 2179-6807)

LESSA, Isadora et al. Domestic dogs in protected areas: a threat to Brazilian mammals?. **Natureza & Conservação**, v. 14, n. 2, p. 46-56, 2016.

LOPES PALMEIRA, Francesca Belem; BARRELLA, Walter. Conflitos causados pela predação de rebanhos domésticos por grandes felinos em comunidades quilombolas na Mata Atlântica. **Biota Neotropica**, v. 7, n. 1, 2007.

MACEDO, Joana Silva; BRANQUINHO, Fátima Tereza Braga; DE GODOY BERGALLO, Helena. A rede sociotécnica na relação entre ribeirinhos e onças (*Panthera onca* e *Puma concolor*) nas Reservas de Desenvolvimento Sustentável Amanã e Mamirauá no Amazonas. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 35, 2015.

MAGANHOTTO, R. F., Santos, L. J. C., Nucci, J. C., Lohmann, M., & Souza, L. C. D. P. (2014). Unidades de Conservação: limitações e contribuições para a conservação da natureza. **Sustentabilidade em Debate**, 5(3), 203-221.

MENEZES, Cristiane Rodrigues; MONTEIRO, Marta. Área de Proteção Ambiental da Fazendinha, Macapá-AP: análise de indicadores de efetividade do monitoramento e conservação da biodiversidade. **Estação Científica (UNIFAP)**, v. 3, n. 1, p. 75-85, 2014.

OLI, M.K., TAYLOR, I.R. & RODGERS, M.E. 1994. Snow leopard *Panthera uncia* predation of livestock: an assessment of local perceptions in the Annapurna Conservation Area, Nepal. *Biol. Cons.* 68:63-68.

PINHEIRO GONÇALVES, Marco; BRAGA BRANQUINHO, Fátima Teresa; FELZENSZWALB, Israel. Uma análise contextual do funcionamento efetivo e participação popular em uma unidade de conservação: o caso da área de proteção ambiental de Petrópolis (Rio de Janeiro: Brasil). **Sociedade & Natureza**, v. 23, n. 2, 2011.

PINHEIRO, J. Q., GÜNTHER, H. (Org.). Métodos de pesquisa no estudo de pessoa-ambiente. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

PINTO, Lorena Cristina Lana. **Etnozoologia e conservação da biodiversidade em comunidades rurais da Serra do Ouro Branco, Minas Gerais**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Ouro Preto. 2011

QUEIROGAS, V. L. Estudo dos Conflitos entre População Rural e Lobo Guará (*Chrysocyon Brachyurus*) em Fragmentos de Cerrado Próximo ao Município de Bom Despacho-Mg. **Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil**, 23 a 28 de Setembro de 2007, Caxambu - MG

SILVA, JMC da et al. Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação. **Ministério do Meio Ambiente, Brasília**, 2004. Universidade Federal de Pernambuco, 2003.382 p.

SILVA, V. M da; SILVA, B. T. B da. Percepção ambiental da comunidade do entorno do Parque Natural Municipal Barão de Mauá, Município de Magé, RJ. 2013 **Revista Vitas-Visões Transdisciplinares sobre ambiente e sociedade**. ISSN, p. 2238-1627

APÊNDICES

Percepção Ambiental de Crianças e Adolescentes sobre uma Área de Proteção Ambiental no Semiárido Paraibano

Cíntia Cleub Neves Batista¹ Gil Dutra Furtado²

¹Zootecnista; Mestranda em Desenvolvimento de Meio Ambiente - PRODEMA/UFPB – Universidade Federal da Paraíba, cintiacleub@hotmail.com

²Engenheiro Agrônomo; Doutor em Psicobiologia; Professor das Faculdades de Enfermagem e de Medicina Nova Esperança – FACENE/FAMENE; Professor Colaborador do PRODEMA/UFPB; pesquisador do LABEA/UFPB, gdfurtado@gmail.com

Resumo

Com a crise ambiental que vem se instaurando no planeta, o desenvolvimento de estratégias que possam mitigar esses impactos tem sido de suma importância para preservação do meio ambiente, e a criação de áreas protegidas surge como um importante aliado para esta causa, essas áreas são divididas por categorias de acordo com a necessidade do espaço, as áreas de proteção ambiental (APA) é uma delas, estas são caracterizadas pela presença de comunidades em interior, objetivando a promoção do uso sustentável do espaço. Com isso, o presente trabalho objetivou estudar a percepção ambiental de alunos de duas escolas públicas localizadas no entorno da Área de Proteção das Onças, localizada no município de São João do Tigre na Paraíba – Brasil. Deste modo, foram aplicados questionários semiestruturados em duas turmas de alunos de duas escolas de ensino público, uma contendo alunos do ensino médio e outra com alunos do ensino fundamental, os resultados obtidos são considerados positivos, uma vez que a maioria dos participantes demonstraram ter conhecimento da existência da APA das Onças, bem como sobre a fauna local, destacando espécies que de acordo com a literatura ocorrem no Bioma Caatinga. Assim, esta pesquisa visa ter despertado uma ampliação do interesse dos moradores locais na preservação do meio ambiente, bem como motivar os professores a praticar mais amplamente a educação ambiental voltada a realidade local.

Palavras chave: meio ambiente, caatinga, unidades de conservação

Abstract

With the environmental crisis that is beginning to emerge on the planet, the development of strategies that can mitigate these impacts has been of paramount importance for the preservation of the environment, and the creation of protected areas appears as an important ally for this cause, these areas are divided by categories according to the need of space, the areas of environmental protection (APA) are one of them, these are characterized by the presence of communities in the interior, aiming

to promote the sustainable use of space. Thereby, the objective of this work was to study the environmental perception of students from two public schools located around the Ounce Protection Area, located in the municipality of São João do Tigre in Paraíba - Brazil. That way, semistructured questionnaires were applied to two classes of students from two public schools, one containing high school students and the other with elementary school students, the results obtained are considered positive, since most of the participants demonstrated to have knowledge the existence of the APA of Ounces, as well as on the local fauna, highlighting species that according to the literature occur in the Caatinga Biome. Thus, this research aims to have aroused an increase in the interest of local residents in preserving the environment, as well as motivating teachers to practice more broadly environmental education focused on local reality.

Keywords: environment, caatinga, conservation units

1. Introdução

O bioma Caatinga está presente em praticamente toda a região nordeste do Brasil, uma das suas características principais é a perda das folhas durante a estação seca, tornando a paisagem branca e clara, fator este, que resultou na sua denominação, uma vez que em Tupi “caa” significa branca e “tinga” significa mata, portanto, mata ou floresta branca (Prado, 2003).

Outra característica peculiar da Caatinga é seu clima, que geralmente é semiárido (LEAL *et al.*, 2005), proporcionando assim uma paisagem característica e uma vasta biodiversidade.

Embora os estudos relacionados a fauna e flora da caatinga ainda sejam escassos, pesquisas indicam um número elevado de espécies encontradas neste bioma, LEAL *et al.* 2003 apontam a ocorrência de 923 espécies de planta, sendo 1/3 dessas espécies endêmicas, além disso, este mesmo autor relata a presença de 143 espécies de mamíferos, 510 espécies de aves, 116 de reptéis, 51 de anfíbios e 240 de peixes. Tais dados confirmam a ocorrência de uma ampla biodiversidade no bioma caatinga, demonstrando ainda a importância da realização de estudos aprofundados neste tema, uma vez que, esses dados ainda são insuficientes quando comparados a estudos realizados no demais biomas que ocorrem no Brasil (LEAL *et al.*, 2005).

Diante disto, a criação de áreas protegidas surge como uma perspectiva preservacionista e científica, uma vez que, através destas, espera – se proporcionar uma maior visibilidade para a preservação ambiental em especial para o bioma caatinga.

De acordo com o Cadastro Nacional de Unidades de Conservação (CNUC, 2017), atualmente a Caatinga possui 149 UC's federais e estaduais, de proteção integral e de uso sustentável, totalizando 6.505.775 ha de áreas protegidas, equivalendo a aproximadamente 7,7% do bioma.

As áreas de proteção ambiental fazem parte da categoria de uso sustentável, sendo considerada a categoria de manejo que sofre mais modificação das condições naturais, uma vez que grande parte dessas áreas são compostas por propriedades

privadas, merecendo atenção especial, devido ao fato de sofrerem maior pressão antrópica (ESTEVES & SOUZA, 2014).

Nesse contexto, a área de proteção ambiental das Onças localizada no município de São João do Tigre na Paraíba, foi criada com o intuito de garantir a preservação do seu bioma caatinga, dos recursos hídricos e de espécies da fauna, como a Onça Parda (*Puma concolor*) e o Veado Campeiro (*Ozotocerus bezoarticus*) (BRASIL, 2002).

Com isso, o presente estudo objetivou estudar a percepção ambiental de alunos de duas escolas públicas localizadas no entorno da Área de Proteção das Onças, em São João do Tigre na Paraíba – Brasil.

6. Procedimentos Metodológicos

6.1 Área de estudo

A presente pesquisa foi realizada em duas escolas localizadas no entorno da Área de Proteção Ambiental (APA) das Onças, no município de São João do Tigre, que encontra – se a cerca 393 km de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, Nordeste brasileiro.

A área de proteção Ambiental das Onças foi instituída em 2002 através do decreto estadual 22.880/2002, constituindo uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável, de jurisdição estadual, gerenciada pela Superintendência de Administração do Meio Ambiente (SUDEMA), possui uma área de 36,000 hectares, sendo a maior área de proteção ambiental do estado da Paraíba.

Atualmente o município de São João do Tigre possui uma população estimada em 4.427 habitantes (IBGE, 2016), dentre estas, cerca de 400 famílias vivem na zona rural.

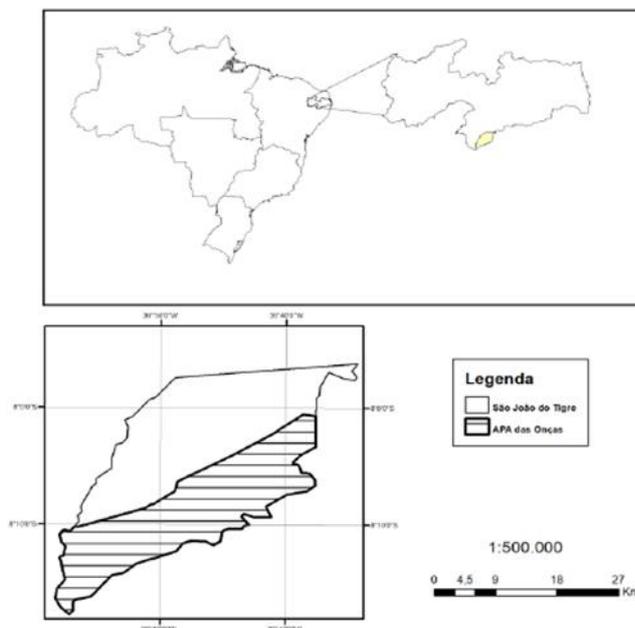


Figura 1: Mapa da Área de Proteção Ambiental das Onças

Fonte: CUNHA, 2011

6.2 METODOLOGIA

6.2.1 Coleta de dados

Os primeiros contatos com a comunidade local tiveram início em fevereiro de 2017, com visitas a área de estudo e contato com alguns moradores locais, incluindo o condutor local, que serviu como facilitador para o acesso a APA e aos moradores da região.

A abordagem metodológica aplicada no presente trabalho foi a pesquisa qualitativa através da técnica amostral não probabilística por conveniência (GIL, 2008), uma vez que, foram previamente estabelecidos critérios para escolha das escolas e das turmas avaliadas.

Por sua vez, foram selecionadas uma turma de cada escola, sendo preferencialmente uma contendo alunos residentes na APA das Onças e outra com alunos que residiam na cidade.

As escolas selecionadas foram, a Escola de Campo Água Azul e a Escola Estadual de Ensino Médio Mario Oliveira Chaves, nestas, foram aplicados questionários semiestruturados, abordando questões relativas ao meio ambiente e a Área de Proteção Ambiental das Onças.

6.2.2 Estudo e caracterização da percepção ambiental

De acordo com Vieira (2005) *apud* Santos (2006), a pesquisa participativa é uma ferramenta de grande utilidade, pois promove o envolvimento comunitário, reconhecendo, o valor e a legitimidade dos diferentes tipos de conhecimentos, particularmente o conhecimento considerado “popular” e “local”.

A presente pesquisa foi autorizada pelo comitê de ética da Universidade Federal da Paraíba (CAAE Nº 67125917.0.0000.5188).

Os questionários foram aplicados diretamente aos alunos e os mesmos levaram para casa, para que seu responsável legal assinasse o TCLE autorizando a participação do menor na pesquisa, o que veio a limitar o número de participantes, uma vez que alguns pais se recusaram a assinar o termo, inviabilizando a participação da criança na pesquisa.

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 22 alunos de duas escolas públicas local, sendo uma de ensino médio (N=9) e outra de ensino fundamental (N=13).

No total de entrevistados, 29,5% eram do sexo feminino e 20,5% do sexo masculino, com idades variando entre 13 e 21 anos. Destes, 42,9% faziam o segundo ano do ensino médio e 57,1% o nono ano do ensino fundamental, sendo, os alunos do ensino médio residentes da APA das Onças e os do ensino fundamental, residentes da cidade.

O questionário era composto por oito questões, destas, seis questões eram fechadas, com a opção sim ou não, e duas questões dissertativas, as quais foram elaboradas de maneira simples em linguagem acessível de maneira que não constrangesse o participante nem o eliminasse da pesquisa.

Ao serem questionados sobre a área de proteção ambiental das onças, 90,9 % dos participantes afirmaram saber o que significava, e apenas 9,1% respondeu negativamente. Resultado encontrado na escola de alunos que residem na cidade, contudo merece atenção, uma vez que a referida escola é uma escola de campo e já possui a disciplina de educação ambiental em seu currículo escolar, contudo, tal resultado pode ser considerado positivo, uma vez que, MARCZWSKI (2006), em sua pesquisa com 117 alunos participantes, 102 optaram por não responder à questão sobre unidades de conservação e apenas 15 responderam corretamente.

Do total de participantes 54,5% afirmaram que moram dentro da APA das Onças, 40,9% afirmaram que não e 4,5% não souberam responder. Nas demais questões sobre saber o que é meio ambiente, preservação da APA e importância dos animais, todos (100%) responderam positivamente.

Durante a aplicação do questionário, pôde-se perceber também que alguns alunos não sabiam ao certo se moravam dentro ou fora da APA, uma vez que a área representa cerca de 50% do município, abrangendo grande parte da extensão rural do município, mas não toda, o que possivelmente venha a confundir a população, tornando necessário um trabalho maior de divulgação dessa área e da sua real importância.

Apesar de não existir registro oficial da ocorrência da ocorrência da Onça Parda na área, os relatos sobre a espécie são comuns entre os habitantes da região, em função disto foi incluída uma questão específica sobre o assunto, onde os participantes foram questionados sobre saber ou não da ocorrência da Onça Parda (*Puma concolor*) na APA, assim, 95,5% afirmaram que sim, já ouviram falar da presença da espécie no local e apenas 4,5%. NUNES (2011) encontrou resultados semelhantes aos da presente pesquisa, onde, a espécie foi citada em localidades inéditas (Cajazeiras, Mataraca, Maturéia, São João do Cariri e São José dos Cordeiros na Paraíba e São Caitano e Serra Talhada em Pernambuco), demonstrando assim a necessidade de mais estudos direcionados a esta espécie, uma vez que, seus registros existem apenas por relatos de moradores das regiões pesquisadas.

Na questão aberta, as respostas foram analisadas individualmente e destacadas as de maior relevância (Tabela 1), onde, perguntou-se: “Você acha os animais importantes? Porque?” No entanto, a maioria (N=13) dos participantes optaram por não responder à questão destacada.

Tabela 3: Respostas dos alunos sobre a importância dos animais

Nº	Série	Idade	Resposta
1	9º	15 anos	“Porque estão em extinção”
2	9º	13 anos	“Porque sem eles não haveria ciclo da vida”
3	2º	15 anos	“Eles fazem parte da natureza”
4	2º	16 anos	“Eles são os únicos que vivem no meio ambiente”
5	2º	20 anos	“Eles são os principais moradores do meio ambiente”
6	2º	19 anos	“Porque eles respiram o mesmo oxigênio que nós”
7	2º	16 anos	“Porque eles são importantes para a natureza”

Diante dos resultados encontrados para esta questão pode-se perceber que apesar da diferença de idades e de série, as respostas apresentadas pelos participantes foram semelhantes, demonstrando uma certa tendência a não se considerar como parte integrante do meio ambiente, corroborando com os resultados encontrados por TELES & SILVA (2012) em um trabalho realizado com crianças de escolas de ensino fundamental I e II e por MARCZWSKI (2006), onde 46,14% dos participantes demonstraram uma forte tendência a associar o meio ambiente apenas aos recursos naturais e 34,87% apenas à elementos da natureza, resultados que demonstram ainda mais a importância de uma educação ambiental efetiva nas escolas, auxiliando nas estratégias de preservação ambiental, uma vez que a educação de base é de suma importância na promoção da preocupação ambiental e consequentemente na proteção deste.

Com relação aos animais que ocorrem na região, as respostas foram variadas, contudo, as espécies mais citadas foram basicamente as mesmas nas duas escolas a Onça Parda, Tatu e Cobra, como demonstrado nos gráficos 1 e 2.

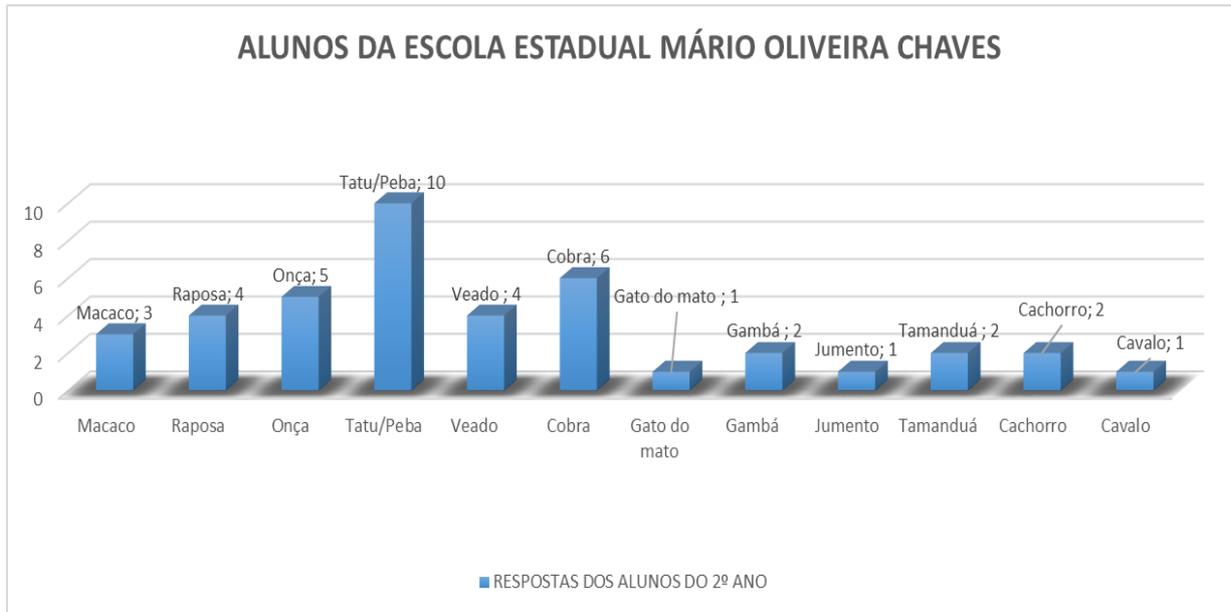


Gráfico 1: Questão sobre as espécies presentes na APA – Alunos do Ensino Médio

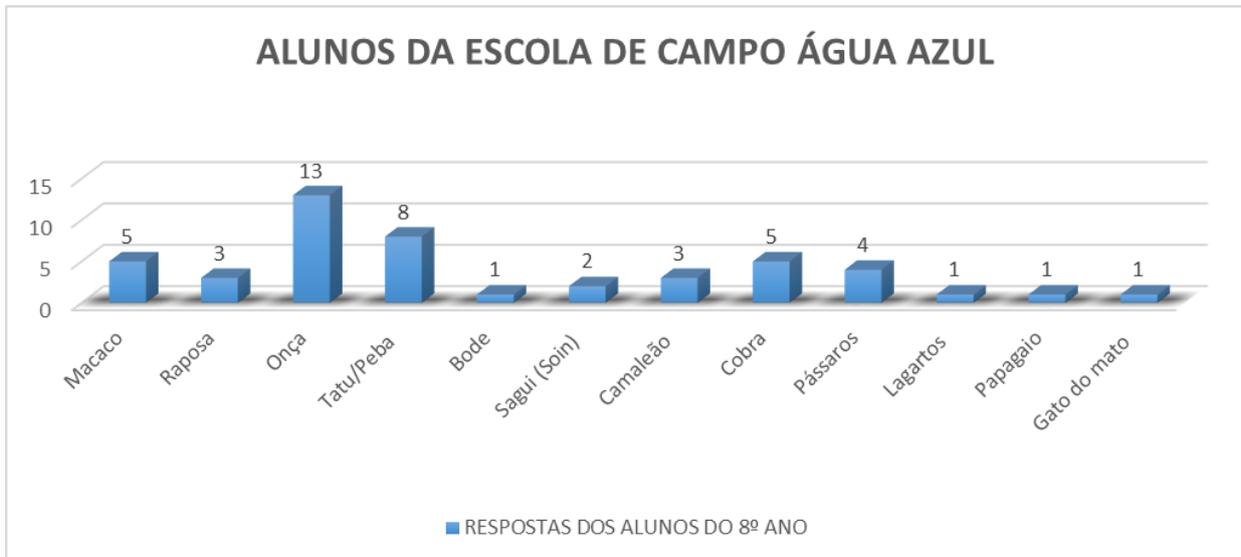


Gráfico 2: Questão sobre as espécies presentes na APA – Alunos do Ensino Fundamental

Apesar dos estudos direcionados a fauna nessa região serem consideravelmente escassos, os animais mencionados pelos alunos são comumente citados na literatura como espécies encontradas no bioma caatinga (SILVA et al. 2004).

Esse conhecimento pode estar atrelado à prática da caça realizada pelos adultos, que apesar da existência de uma área de proteção ambiental no local, tal

atividade ainda persiste como tradição, tanto por parte dos moradores locais como das regiões circunvizinhas que se deslocam até a área para praticar a caça predatória.

Nesse contexto, a partir de informações acerca dos mamíferos, foram estabelecidas áreas prioritárias para conservação selecionadas a partir da sua riqueza de espécies, assim como, áreas que possuem relevante interesse ecológico, porém com dados de fauna insuficientes.

As áreas foram divididas de acordo com sua região, estando o município de São João Tigre inserido na área “Centro de Pernambuco” pertencendo ao mesmo grupo os municípios: Águas Belas (PE), Alagoinha(PE), Arcoverde(PE), Buíque(PE), Caetés(PE), Custódia(PE), Iati(PE), Ibimirim(PE), Paranatama(PE), Pesqueira(PE), Pedra(PE), Saloá(PE), São Sebastião do Umbuzeiro(PB), Sertânia(PE) e Tupanatinga(PE) (SILVA et al. 2004), destacando assim, a necessidade da realização de pesquisas científicas de levantamento faunístico, com o intuito de efetivar um trabalho de preservação da fauna e auxiliar a compreender as mudanças e ocorrem no bioma Caatinga.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados encontrados, sugere – se que ambas as turmas pesquisadas, tem conhecimento da área de proteção ambiental das onças, apesar de demonstrarem não compreender a real função daquela área.

Além disso, pode – se perceber de modo não generalista, que a maioria dos participantes apresentam uma certa tendência a não se considerar como parte integrante do meio ambiente, chamando atenção para a necessidade um trabalho de educação ambiental mais específico com relação a este tema.

Sobre a percepção em relação a fauna, constatou – se também que a maioria cita como presente no local a espécie símbolo da APA, a Onça Parda (*Puma concolor*), como também demonstra um certo conhecimento em relação aos demais animais comumente encontrados no bioma Caatinga, possivelmente pela convivência com os adultos ou até mesmo por ter avistado alguma das espécies citadas durante o deslocamento pela APA.

Assim, esta pesquisa visa ter despertado uma ampliação do interesse dos moradores locais na preservação do meio ambiente, bem como motivar os professores a praticar mais amplamente a educação ambiental na realidade local.

Agradecimentos

Agradecemos ao apoio fornecido pelo Laboratório de Ecologia Aquática (LABEA), Departamento de Sistemática e Ecologia, Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba. Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA)/ UFPB pelo apoio institucional. Agradecemos pela bolsa de mestrado fornecida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

9. REFERENCIAS

- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. SNUC – **Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza**: Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000; Brasília: MMA, 2011. 76 p.
- BRASIL. Decreto Estadual n.º 22.880, de 25 de março de 2002 . **Decreto de criação da Área de Proteção Ambiental das Onças**, João Pessoa - PB
- CNUC, 2017. Cadastro Nacional de Unidades de Conservação. Disponível em: <<http://sistemas.mma.gov.br/cnuc>>. Acesso em: 15/09/2017
- CUNHA, Antônio Henrique Martins Carneiro da. **APA das Onças: Gestão do Território e desafios para Conservação de Ecossistemas**. João Pessoa: UFPB, 2011. Monografia (Graduação) – Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, 2012.
- ESTEVES, Aline Oliveira; SOUZA, Marcelo Pereira. Avaliação Ambiental Estratégica e as Áreas de Proteção Ambiental. **Engenharia Sanitária e Ambiental**, v. 19, p. 77-86, 2014.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.)
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). 2017. *Cidades*: São João do Tigre. - <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.html>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2017.
- LEAL, I. R., M. Tabarelli, e J. M. C. Silva. 2003. Ecologia e conservação da Caatinga. Editora Universitária, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil. 822 p. : il., fotos, mapas, gráf., tab.
- MARCZWSKI, Maurício. Avaliação da percepção ambiental em uma população de estudantes do ensino fundamental de uma escola municipal rural: um estudo de caso. 2006. **Dissertação (Mestrado)**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre, 2006.
- NUNES, Hannah Larissa de F. L. Os Carnívoros dos Estados da Paraíba, Pernambuco e Alagoas / Hannah Larissa de F. L. Nunes. **Monografia (Graduação)** – UFPB/CCEN.-- João Pessoa, 2011. 65 p.
- PRADO, D. E. As Caatingas da América do Sul. In.: LEAL, I. R. & TABARELLI, M. (Eds.) Ecologia e Conservação da Caatinga. Editora Universitária: UFPE. 2003.
- SILVA, J. M. C., M. Tabarelli, M. T. Fonseca, e L. Lins. 2003. Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente: Universidade Federal de Pernambuco, 2003. 382 p.: il., fots., maps., grafs., tabs.
- SILVA, Gilda Acioli da. **Unidades de conservação como política de proteção à biodiversidade**: uma caracterização perceptiva de grupos sócio-culturais do entorno da APA do Catolé e Fernão Velho, estado de Alagoas / Gilda Acioli da Silva. – Maceió, 2006. xvii, 143f. : il., grafs., tabs.

TELLES¹, Chayanne Alessandra; SILVA, Guilherme Leonardo Freitas. 2012. Relação Criança e Meio Ambiente: Avaliação da percepção ambiental através da análise do desenho infantil. **Revista Technoeng**. ISSN: 2178-3586 / 6ª Edição / Jul – Dez de 2012

Questionário aplicado aos alunos do Colégio localizada no entorno da APA das Onças

SEXO: () F () M IDADE: _____ SÉRIE: _____ TURNO: _____

1) Você sabe o que é meio ambiente?

() Sim () Não

2) Você sabe o que significa APA?

() Sim () Não

3) Você mora dentro da APA das Onças?

() Sim () Não

4) Você acha importante preservar a APA?

() Sim () Não

5) Você acha que os animais são importantes?

() Sim () Não Porque? _____

6) Você já viu alguém dizer que tem onça na APA?

() Sim () Não

7) Quais animais você acha que tem na APA?

R- _____

Entrevista a moradores da APA das Onças

Dados Gerais

Sexo: F() M() Idade : _____ Comunidade que reside: _____

Percepção sobre a Onça Parda

Já viu onça na região? ()Não ()Sim () Rastro

Já ouviu falar de onça na região? ()Não ()Sim

Qual a última vez que viu ou ouviu falar da presença da Onça na região? _____

Qual a sua opinião sobre a onça? ()Positiva ()Negativa Porque?

Percepção sobre a APA das Onças

Você foi informado sobre a implantação da APA? ()Sim ()Não

A implantação da APA mudou alguma coisa na sua vida? ()Sim ()Não

Identificação da espécie

Qual dessas espécies você viu ou ouviu falar que existe na APA das onças.



() Viu

() Ouviu falar



() Viu

() Ouviu falar

() Nenhuma () Outra – Qual? _____

Dados sobre predação

Tem perda de animais por predação? ()Não ()Sim

Quais animais são mortos por predação? _____

Ocorre com frequência? _____

Qual predador acha que mata os animais? ()Onça parda ()Gato do mato

() Outro _____

Como sabe qual foi o predador? ()Visualização ()Pegadas ()Carcaça ()Fezes

() Outro _____

Questionário aplicado aos funcionários do órgão gestor da APA das Onças.

Nome do entrevistado _____

Órgão onde é lotado: _____

Função: _____

1- Como se deu a criação da APA?

R- _____

2- Algum motivo específico para a criação da mesma?

R- _____

3- A população foi comunicada?

R- _____

4- A APA possui:

A) Conselho gestor? () Sim () Não

B) Plano de Manejo: () Sim () Não

C) Administrador ou responsável técnico: () Sim () Não

C.1) Qual a formação do administrador responsável pela unidade? _____

C.2) Há quanto tempo está na função? _____

C) Existem ONG's ou outra instituição trabalhando na APA? () Sim () Não () Não sabe informar

() Qual(is) _____

5- A fiscalização é feita com rotina - () Sim () Não () Porque _____

6- Com que frequência? () Mensal () Semestral () Anual () Aleatório () Não ocorre

7- Quais os principais problemas enfrentados pelo órgão gestor para gerir a unidade?

R- _____

8- Existe pesquisa científica acontecendo na APA? () Sim () Não () Não sabe informar

Qual (is)? _____

9- Você tem conhecimento da ocorrência da Onça Parda (*Puma concolor*) na região?

() Sim () Não

10- Já viu ou ouviu falar de Onça Parda dentro da APA? () Sim () Não

11- A ocorrência da Onça influenciou a criação da APA? () Sim () Não

12- O órgão possui algum material que comprove a ocorrência da onça na região?

() Sim () Não Qual (is)? _____

Obs. Complementares:

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE –
PRODEMA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES DE IDADE

Prezado (a) Senhor (a) responsável/representante legal:

Gostaríamos de obter seu consentimento para o menor _____ participar como voluntário (a) da pesquisa intitulada como: **“A ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DAS ONÇAS COMO PALCO DE RELAÇÕES ENTRE SOCIEDADE E NATUREZA NO CARIRI PARAIBANO”**, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de meio ambiente e biodiversidade e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

A forma de participação consiste em responder um questionário, com perguntas simples sobre o meio ambiente, com o objetivo de analisar o nível de conhecimento do menor sobre o tema apresentado.

Esclarecemos que a participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações solicitadas. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Não será cobrado nada, não haverá gastos e não estão previstos ressarcimentos e indenizações.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário.

Desde já, agradecemos a atenção e a da participação e colocamo-nos a disposição para maiores informações.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para o menor participar como voluntário desta pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Responsável Legal
CPF:

Digital

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora:
Cíntia Cleub Neves Batista - Telefone: (83) 996550260

Universidade Federal da Paraíba
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Solicitamos a sua colaboração para participar desta pesquisa, intitulada como: “**A ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DAS ONÇAS COMO PALCO DE RELAÇÕES ENTRE SOCIEDADE E NATUREZA NO CARIRI PARAIBANO**”, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de meio ambiente e biodiversidade e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações solicitadas. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal

Digital

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora:
Cíntia Cleub Neves Batista - Telefone: (83) 996550260